

# **CATÓLICOS PENTECOSTAIS?**

**Essa não!!!**

**Dr. Aníbal Pereira dos Reis**

**Edições Cristãs**

# **ÍNDICE**

- Atenção
- Dons espirituais no Catolicismo
- A atual explosão carismática no Catolicismo
- Os “católicos pentecostais” no
  - programa ecumenista
- Experiências “pentecostais” a serviço do
  - reavivamento católico
- O batismo com o Espírito Santo e o
  - batismo sacramental
- O avivalismo católico desperta acendrada
  - submissão à hierarquia clerical
- O reavivamento idolátrico dos
  - católicos pentecostais
- Os “católicos pentecostais”, fiéis devotos da
  - Virgem Maria
- Duas observações e concluiremos
- Estará superada a polêmica?
- Documentos em Apêndice

**.oOo.**

# **ATENÇÃO**

**NA CAPA DESTE LIVRO**, antecedendo o meu nome, como seu autor, a expressão “EX-PADRE” salienta minha anterior condição religiosa.

Com efeito, durante 15 anos e meio militei nas hostes clericais de Roma à procura de paz íntima na certeza de minha salvação eterna.

Cuidadoso, como sacerdote, cumpri todos os meus deveres, empenhei-me no prática de tantas devoções, exercitei-me na celebração de uma infinidade de rituais, macerei-me em torturantes penitências, desdobrei-me na luta em prol de programas de beneficência social, afadiguei-me na construção de tantas obras...

Gastei-me inutilmente porque em nada daquilo encontrei a paz interior ansiada.

Minha autobiografia **“ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA”**, em mais de duzentas páginas, revela, outrossim, lance por lance, o longo e doloroso caminho da minha conversão a Jesus Cristo, ocorrida em 8 de novembro de 1961.

Sentindo-me salvo por Cristo, permaneci, contudo, no exercício daquele ministério até 12 de maio de 1965 por supor poder conciliar minha consciência de crente com as funções sacerdotais do catolicismo.

Com sinceridade, confesso: tudo fiz a ver se podia permanecer como padre.

Se muito sofrera em busca de minha salvação, agora, de novembro de 1961 a maio de 1965, afligi-me intensamente na luta por encontrar recursos que me levassem a harmonizar minha consciência de salvo por Jesus Cristo com o exercício do sacerdócio romano.

Mas, depois de muito sofrer, concluí ser absolutamente impossível permanecer lá dentro.

Por experiência própria conclui: IMPOSSÍVEL SALVAR-SE ALGUÉM COMO CATÓLICO.

E ainda mais: É TOTALMENTE IMPOSSÍVEL UM SALVO POR JESUS CRISTO PERMANECER CATÓLICO.

E a razão é muito simples. Clara. Evidente:

Jesus Cristo SOMENTE salva o pecador que, arrependido, confia nEle como seu ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR.

Jesus nunca salva quem não confia TOTAL e EXCLUSIVAMENTE nEle.

Ora, arrependido, aceitei-O como meu ÚNICO, TODO-SUFICIENTE e TODO-CAPAZ SALVADOR.

E Ele me salvou.

Aceitando Cristo como ÚNICO REDENTOR, jamais poderia admitir em Maria uma COREDENTORA.

Aceitando-O como ÚNICO SALVADOR, evidentemente, aceitei-O como ÚNICO MEDIADOR entre Deus e os homens (I Timóteo 2:5-6) e não poderia mais tolerar em Maria uma MEDIANEIRA de todas as graças.

Aceitando-O como ÚNICO SALVADOR, cujo sangue nos purifica de todo o pecado (I João 1:7), jamais poderia crer num chamado purgatório.

Aceitando Cristo como ÚNICO SALVADOR e, em consequência, impossibilitado de continuar a crer num chamado purgatório, absurdo seria concordar com o SUFRÁGIO PELOS MORTOS.

Aceitando Jesus como ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR, impossível tornou-se-me crer na INTERCESSÃO dos chamados santos católicos.

Aceitando-O como meu ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR, aceitei-O também como SOBERANO SENHOR de minha vida e como poderia continuar submisso à autoridade do papa e do meu bispo?

Aceitando-O como ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR, absurdo seria acreditar na MISSA, que, segundo a doutrina católica, repete e renova incruentamente o sacrifício da Cruz. À luz da Bíblia, por exemplo, em Hebreus 10:10,12,14, o sacrifício de Jesus, por ser de valor infinito, é IRRENOVÁVEL. IRREPETÍVEL.

Para aceitar Jesus Cristo como meu ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR, precisei de aceitar a Bíblia como ÚNIÇA REGRA DE FÉ e, por isso, jamais poderia admitir a TRADIÇÃO e o MAGISTÉRIO ECLESIÁSTICO como outras fontes de revelação.

Não crendo, pois, em mais nada daquilo que caracteriza o catolicismo, porque havendo aceitado Jesus Cristo como meu ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR, como poderia permanecer como católico?

Pelo Espírito Santo convencido dos meus pecados (João 16:8) e, por haver confiado em Cristo, selado com o mesmo Espírito da promessa (Efésios 1:13), precisei por força de minha conversão apartar-me da iniquidade (II Timóteo 2:19).

A Palavra de Deus é categórica: **“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”** (II Coríntios 5:17).

Por acaso a IDOLATRIA não é iniquidade?

E idolatria não é apenas o culto de imagens...

O culto a Maria é idolátrico.

O purgatório é idolatria.

O sufrágio pelos mortos é idolatria.

A missa é o máximo culto idolátrico.

A submissão ao papa, o pretenso vigário de Cristo é idolatria.

Nesta dispensação quem é o VIGÁRIO de Cristo no coração do crente?

E o Espírito Santo, o Consolador, o Paráclito (João 14:16, 17;16:713).

Pretende o papa usurpar o lugar do Espírito Santo. E isso, porventura, não é idolatria?

\* \* \*

Apartei-me da iniqüidade!!!

JESUS CRISTO e CATOLICISMO são irreconciliáveis.

Ou Jesus Cristo ou catolicismo!

Ou Jesus ou idolatria!

Ou Jesus ou iniqüidade!

Jamais Jesus será parceiro do pecado.

E o crente em Jesus, em virtude de sua fé, precisa apartar-se da iniqüidade. Da idolatria!

**“Guardai-vos dos ídolos”**, ordena João no último versículo de sua Primeira Carta (I João 5:21).

**“Saí do meio delas** [dos ídolos], **e apartai-vos**”, exige o Senhor por intermédio de Paulo (II Coríntios 6:17). E aos coríntios pelo mesmo Apóstolo, brada: **“Fugi da idolatria”** (I Coríntios 10:14).

**POR HAVER-ME TORNADO CRENTE EM JESUS CRISTO, PRECISEI DEIXAR O SACERDÓCIO ROMANO E O CATOLICISMO.**

E, na Sua infinita misericórdia, Deus me chamou para o ministério da Sua Palavra Santa. Dada a minha experiência de conversão pouco comum, empenho-me de corpo e alma em ir de cidade em cidade, clamando que só **CRISTO SALVA O PECADOR.**

Por ser raro o fato de um sacerdote católico se tornar crente em Jesus Cristo, sendo, outrossim, o nosso povo de maioria católica, em minhas campanhas é notável a afluência de pessoas curiosas. Se a curiosidade as move, ouvem a Verdade do Evangelho e se convertem.

O ministério para o qual Deus me convocou tem outra incumbência. É a de, como atalaia da Verdade do Evangelho, alertar o povo de Deus nesta época em que o **“mistério da injustiça opera”** (II Tessalonicenses 2:7) e quando o iníquo, **“cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios de mentira”** (II Tessalonicenses 2:9), desvia a muitos da verdade, levando-os às fábulas.

Para atender a vontade soberana de Deus é que incansavelmente tenho escrito livros.

A fim de cumprir esse dever imposto pelo Senhor, preciso de acompanhar a literatura religiosa crescente nestes últimos tempos.

Nesse intuito, li o livro “CATÓLICOS PENTECOSTAIS”.

E com quanta tristeza o li em princípios de 1972 quando veio à lume sua versão em nossa língua.

De pronto, desejei contestá-lo por ser uma congérie de absurdos. Examinei-o muitas vezes. Orei. Pus-me em disponibilidade perante o Senhor.

Em novembro daquele mesmo ano atendi ao convite de crentes pentecostais, desejosos de serem informados sobre o ECUMENISMO. E neste contato constatei a urgência da publicação deste nosso livro.

Move-me, ao servir a Deus nesta tarefa, o exclusivo desejo de ajudar, esclarecendo-os, os crentes pentecostais valorosos no cumprimento da GRANDE COMISSÃO (Mateus 28:18-20; Marcos 16:14-20; Atos 1:8).

Peço-lhes lerem este livro e orarem ao Senhor porque fecundadas com Suas bênçãos estas páginas acordarão a muitos da inércia e advertirão a tantos enredados nas malhas ecumênicas.

São Paulo, 9 de março de 1973  
Dr. Aníbal Pereira dos Reis

.oOo.

## Capítulo 1

### DONS “ESPIRITUAIS” NO CATOLICISMO

**DESCONHECEDORES DO CATOLICISMO** supõem muitos acontecer grande novidade em seu seio com o surgimento da onda carismática enaltecida pelo livro: CATÓLICOS PENTECOSTAIS

Desde os seus primórdios “**a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira**” (II Tessalonicenses 2:9) se manifesta para promover o antievangelho.

É evidente, porém, que quanto mais se aproxima a vinda escatológica de Jesus maior será o empenho do “**homem do pecado**” (II Tessalonicenses 2:34) “**para enganar, se possível, os próprios escolhidos**” (Mateus 24:24).

Toda a história do catolicismo se distingue pela presença dos cognominados “**SANTOS**”, cuja vida marcada por acentuado histerismo muito contribuiu para o desenvolvimento da seita do papa e seu incremento entre os povos.

Dentre outros, destacaremos, para exemplificar, Tereza de Jesus (a reformadora das carmelitas), Luís Maria Grignon de Montfort, João da Cruz,

o homossexual Francisco de Assis, Catarina de Sena, a santa que vivia completamente nua no cumprimento de um voto indecente.

Os mais singulares fatos, incluindo-se visões e levitações, com eles ocorreram.

Desenganem-se os observadores superficiais ao suporem impossível a irrupção carismática no catolicismo por levarem “em conta a frieza de sua liturgia, a dogmática do centralismo sacerdotal e a participação passiva dos membros no condução ritualística dos ofícios divinos”.

Em sua origem e evolução, os dogmas católicos muito devem aos “santos”. A doutrina do purgatório incrementou-se com as alucinações de “santa” Brígida. O culto à hóstia se intensificou - e aí estão os “congressos eucarísticos”, autênticas oportunidades para o turismo - com as esquisitices de Pascoal Bailão, O fanatismo em torno do sacerdote recrudesceu com João Batista Maria Vianney, o “santa cura” d’Ars.

Particularmente, os “santos” carismáticos impulsionaram o capítulo teológico referente a Maria. O dogma da “imaculada conceição” se difundiu com todo vigor depois das visões de Bernardete, a confidente da “Nossa Senhora” de Lourdes. A doutrina da mediação de Maria se projetou com as visagens do alucinada freira Catarina de Louberé. A mariologia muito deve a “são” Domingos e a Luís Maria Grignon de Montfort.

Certas devoções também surgiram em resultado de experiências carismáticas como as da freira Margarida Maria Alacoque, propulsoras da devoção ao “sagrado coração de Jesus”. Essa freira em seus êxtases via Jesus Cristo com seu coração de fora, circundado por uma coroa de espinhos, encimado por labaredas e gotejando sangue.

Dessa freira carismática procedeu a cognominada prática das “nove primeiras sextas-feiras”. O coração de Jesus, segundo ela, prometeu garantir a salvação eterna a todos quantos em sua honra recebessem em nove primeiras sextas-feiras de meses seguidos a hóstia em comunhão. Por isso, a irmandade chamada Liga do Coração de Jesus ou Apostolado da Oração, caracterizada pela fita vermelha, ao promover a devoção do “Sagrado Coração”, deflagrou entre o beatério imenso fanatismo pela hóstia.

O catolicismo romano corporificou e codificou a sua doutrinária sob o impacto e o impulso das mais estrondosas e estranhas experiências religiosas.

Distinguiram-se os flagelantes, originários de Perusa, na Itália, e se alastraram pela Alemanha, Espanha e Inglaterra. Velhos, jovens, mulheres, crianças, sob tensa histeria de fanatismo religioso, todos nus, aos brios, percorriam as cidades cantando, clamando em linguagem desconexa e estranha, fustigando com açoites os ombros e os rins.

Vez ou outra, então, no objetivo de reafervorar e entusiasmar o povo católico, surge um sacerdote com o dom de cura a realizar prodígios espetaculares.

Por várias razões nas primeiras décadas deste século, o catolicismo no Brasil e de maneira particular em sua região centro-sul, se enfermara de crônica apatia. O episcopado brasileiro, preocupado, decidiu, arrancá-lo dessa letargia. E, na década de 40, além dos grandes “movimentos de fé”, dentre os quais se destacaram os congressos eucarísticos e o incentivo às romarias aos lugares santos, sobretudo Aparecida do Norte, surgiram dois sacerdotes aureolados com poderes supraterrenos.

Conheci pessoalmente o Frei Eustáquio e o vi em Campinas, Estado de São Paulo, quando por lá passou, curar um médico paralítico há mais de vinte anos. Em seguida, surgiu em Rio Casca, de Minas Gerais, o afamado padre Antônio Pinto, que, com seu poder taumaturgo atraía levas e levas de peregrinos. Ambos se notabilizaram entre o povo como santos.

Entre 1955 e 1962, foi a vez do padre José Donizzetti, de Tambaú, no interior do Estado de São Paulo, fazer as suas acrobacias.

Assisti esses três sacerdotes em seus instantes de fervorosas devoções se manifestarem em línguas estranhas.

Aliás, ao tempo de estudante na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica, em S. Paulo, todos tínhamos muita devoção a uma imagem da Senhora das Dores. E todas as tardes, após o jantar, corriamo à sua presença e porfiávamos em lhe demonstrar nosso fervor terno e filial. Quantos jovens embatinados, de joelhos diante daquela veneranda imagem, explodiam em aclamações de louvores entremeados de expressões desconhecidas! Quando, no ardor da devoção, a clamar interjeições esquisitas, rolavam no assoalho do templo.

De certa feita, revelou-nos o nosso monsenhor-reitor o seu anelo por concluir em tempo recorde a construção da nova capela do seminário. Consultado pelo Vaticano sobre sua eleição para o episcopado, almejava assinalar sua passagem pela reitoria daquele estabelecimento de ensino eclesiástico com a construção acabada do mencionado templo. Pediu-nos que rezássemos a “São” José, o solucionador dos casos econômicos e crises financeiras e, em particular, o celestial provedor ou ecônomo dos seminários católicos.

Resolvemos, os seminaristas, nessa conjuntura, promover devoções especiais ao glorioso santo perante sua grande e solene imagem entronizada num dos claustros. Numa das noites da nossa devoção, manifestou-se em línguas estranhas um colega. Ouvimo-lo com respeito e silêncio. A seguir, um outro interpretou. E a mensagem do celeste patrono dos cofres seminarísticos foi esta: que se lhe fizesse uma novena com todo o seminário, alunos, professores, freiras e empregados diante daquela veneranda imagem, a cujos pés, no primeiro dia da novena, dever-se-ia colocar um bilhete de loteria federal, com número determinado, comprado pessoalmente pelo reitor.

O prêmio certo de algumas centenas de contos [alguns milhares de reais] seria suficiente para o término acelerado da obra.

Humilde, em atitude de acatamento à revelação, o nosso monsenhor-reitor comprou o papel lotérico e, posto devota e solenemente sob a imagem, ali permaneceu durante todo o piedoso novenário josefino. Falhou a revelação. Falhou a mensagem em língua estranha. Falhou a interpretação. Falhou a profecia. Por terra os sonhos do nosso reitor que, guindado ao trono episcopal, deixou inacabada a capela. O único aspecto positivo do ocorrido, porém, foi aquele avivamento de “dons carismáticos” (?)

A bem da verdade, entretanto, devo declarar que, dada a carência de alimentos naquela fase aguda da Segunda Guerra Mundial, passávamos fome crônica, cujo resultado, além do surto carismático, foi a tuberculose haver vitimado vários colegas.

Ao tempo de padre, deparei-me em diversas oportunidades com experiências semelhantes.

Quando vigário em Guaratinguetá produzi muitas curas espetaculares. Só não me projetei como padre santo e milagreiro porque meu bispo julgou inconveniente e exigiu moderar-me a fim de não prejudicar o prestígio da Senhora Aparecida, instalada nas vizinhanças da minha paróquia. Um pretenso líder pentecostal que me conheceu naquele tempo e presenciou fatos miraculosos por mim feitos, procurou-me várias vezes, insistindo no sentido de me ligar ao seu movimento onde poderia deslanchar meus dons de praticar a “cura divina”, confidenciava-me ele.

Os padres são assíduos nas práticas espíritas. Para não me constituir em exceção também frequentei o espiritismo e participei de suas práticas. Não se chilreia durante as sessões? Vi lá tanta língua estranha e ocorrências prodigiosas. Algumas vezes, quando meu poder de sugestionar falhava, recorria a um célebre médium espírita, cujos passes e exorcismos se efetivavam ao som de clamores ininteligíveis (Isaías 8:19).

Certa freira, minha penitente, dizia-me em suas confissões estar vendo Jesus e Maria. Contou-me surpreendentes particularidades reveladas pela Virgem, enquanto seu Filho se limitava a olhar com os olhos lacrimosos. Informou-me serem as mensagens de Maria em linguagem desconhecida; dotada, porém, do dom da interpretação, entendia tudo. Perguntei-lhe como ia de penitências, porquanto a freirinha se aniquilava em prolongados jejuns. Purificada por atrozes penitências – convencera-se a freira - mereceria a graça de contemplar Jesus e desfrutar da intimidade com “Nossa Senhora”.

Condoído da pobrezinha tão debilitada e conturbada pelas visões alucinatórias, em nome da santa obediência ao seu padre confessor, impus-lhe a penitência de se alimentar convenientemente. Pois bem, nunca mais a “irmãzinha” viu Jesus e Sua mãe. Suas visões resultavam da debilidade orgânica proveniente da fome e da sede.

Escreveria, se fosse o meu propósito, um imenso rol de fatos referentes às experiências carismáticas no catolicismo. Suficientes são os citados para se constatar a nossa assertiva sobre a antiquíssima prática carismática na seita papista.

Qualquer investigador, outrossim, encontrará na História do catolicismo medieval abundantíssimos informes a contrariarem a ideia de que a busca dos “dons espirituais” caracteriza a decantada, porém, falsa liberalização da “Igreja Católica Romana”.

.oOo.

## **Capítulo 2**

### **A ATUAL EXPLOSÃO CARISMÁTICA NO CATOLICISMO**

**O LIVRO “CATÓLICOS PENTECOSTAIS”,** de autoria do casal Ranaghan, de fervorosos católicos norte-americanos, cuja tradução portuguesa é divulgada em nosso País pela editora pentecostal “O. S. BOYER”, sediada em Pindamonhangaba, Estado de São Paulo, vem incrementando um enorme interesse pelas experiências espirituais, incentivando a chamada “explosão pentecostal” que desborda em todos os grupos protestantes e evangélicos e causa, por isso, sérias polêmicas em virtude da contestação levantada pelos “tradicionais” ou “ortodoxos”.

No anterior capítulo, verificamos a constância católica das práticas carismáticas. Chamam, porém, a atenção no livro em apreço dois aspectos: acontecer a recrudescência pentecostal católica nos Estados Unidos e suas implicações ecumenistas.

Travei amizade, em 1965, com um missionário evangélico norte-americano. Decisivo, afirmava ele ser absoluta e radicalmente diverso o catolicismo em sua pátria comparado com o dos países de origem latina, como o Brasil. O catolicismo norte-americano, elucidava, talvez por influência do Evangelho, rejeita imagens, procissões, rosários, romarias e certos tipos de prodígios.

Aliás, posteriormente, deparei-me muitas vezes com a mesma assertiva.

Conhecedor do catolicismo a fundo, pois exercei o seu sacerdócio além de quinze anos, jamais acreditei naquela informação. Reconheço a extraordinária capacidade do clero romanista em se insinuar, em se infiltrar... Em sua fabulosa maleabilidade sabe se conformar, se adaptar... E

quando se torna senhor da situação, prestigiado, aceito, aí se manifesta em toda a sua realidade objetiva e única no mundo inteiro.

O catolicismo dos Estados Unidos é idêntico ao do Brasil! Sem tirar nem pôr!!!

Soube sim, como o fez em tantas ocasiões, esperar a sua oportunidade.

Dizem os clérigos ser Roma eterna. Em consequência, não se açoada. Não tem pressa. É hábil em dar tempo ao tempo enquanto solapa as posições dos adversários.

Posteriormente, aquele missionário meu amigo, ao regressar de sua pátria onde passara alguns meses de férias, estarrecido e surpreso, contou-me as novidades: imagens de santos e da “virgem” à beira das estradas, procissões com andores multicoloridos desfilando pelas ruas da sua cidade, flâmulas de “São Cristovão” a encimar o volante dos motoristas devotos do seu patrono, nichos iluminados com lâmpadas vermelhas ou azuis nos terraços das casas, novenários e festas dos padroeiros das cidades, multiplicação de paróquias e templos católicos, devoção à pessoa do papa... Tudo, tudo como no Brasil!!!

E porque o catolicismo dos norte-americanos é afim, é semelhante, é IGUAL, IDÊNTICO – ao catolicismo dos brasileiros, dos italianos, dos portugueses ou dos japoneses, lá nos Estados Unidos também há imagens de “Nossa Senhora” que choram. E os superdesenvolvidos norte-americanos, fervorosos devotos da Senhora, acorrem, pressurosos, em romarias. Tudo como por estes brasis desde o seu berço tão infelicitado pela idolatria clerical.

Com efeito, os órgãos noticiosos “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, de 21 de Julho de 1972, divulgaram uma fotografia procedente de Nova Orleans, no Estado de Louisiana (Estados Unidos), na qual se vê uma imagem da “Senhora de Fátima” a verter lágrimas. O sacerdote Elmo Romagosa, no dia anterior àquela data, dera publicidade ao fato prodigioso através do seu artigo “AS LAGRIMAS DA IMAGEM MOLHARAM O MEU DEDO”, no “Clarion Herald”, semanário católico distribuído em onze paróquias de sua Cidade.

As aparições da “Senhora de Fátima”, em Portugal, de cujos lances fantasmagóricos me ocupei em meu livro “A SENHORA DE FÁTIMA, OUTRO CONTO DO VIGÁRIO”, assanharam o beatério romanista, sobretudo durante e após a Segunda Guerra Mundial. Atendendo pedido da própria “Senhora Fatímica”, diversas imagens suas foram construídas por mãos de homens e saíram a percorrer o mundo.

O supremo hierarca romano, o papa Pio XII, solerte e astuto, ao final da Guerra, designou para bispo auxiliar de Nova Iorque, Fulton J. Sheen, adrede preparado para a investida. Comovido com os desastres e sofrimentos causados pela hecatombe, o povo norte-americano recebeu suas mensagens radiofônicas caracterizadas, de início, pela indefinição

doutrinária. Quando seguro de sua posição em grande área norte-americana, começou a revelar os seus reais propósitos e a divulgar a devoção e notícias referentes à “Senhora de Fátima”.

Das várias imagens peregrinas, atualmente restam apenas duas. Ao sacerdote norte-americano, Breault cabe a responsabilidade de conduzir pelos rincões de sua pátria uma delas, a referida chorona.

Fotógrafos e jornalistas, depois do artigo de Romagosa, acorreram junto da prodigiosa escultura, atendendo o velho esquema clerical de divulgá-la ao máximo.

Ninguém deve, pois, admirar-se diante dos relatos e depoimentos registrados por Kevin e Dorothy Ranaghan.

O outro aspecto do livro “CATÓLICOS PENTECOSTAIS” são as suas implicações ecumenistas.

De resto, a própria obra do casal norte-americano avivado é marcada “de profundo sentido ecumenista”, na observação do crítico de um mensário brasileiro. Nota, ainda, este crítico: “Mais um ponto de aferição do ecumenismo no espírito pentecostal norte-americano. Citando os grandes reformadores religiosos, o livro “CATÓLICOS PENTECOSTAIS” alinha-os heterogeneamente, sem distinção ideológica, assim: Gregório, o Grande, Carlos Magno, Lutero, Zwinglio, o Concílio de Trento, Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Francisco de Sales, George Fox, João Wesley, Billy Graham e Tomáz Merton. Ficam, de cambulhada, evangélicos, papas, quaquers, jesuítas, santos etc, irmanados num mesmo pedestal” (“Jornal de Hoje”, São Paulo, março de 1972).

A respeito deste aspecto alargar-nos-emos nos próximos capítulos.

Nada a se estranhar, pois, o “assanhamento pentecostal católico” nos Estados Unidos, onde o catolicismo é idêntico ao de qualquer parte do mundo.

Vamos agora, em síntese, historiar os acontecimentos.

No outono de 1966 reuniu-se na Universidade Duquesne do Espírito Santo a Convenção Nacional dos Cursilhos, o movimento desencadeado pelo clero no sentido de dinamizar as práticas religiosas entre os seus fiéis, conscientizando-os a aderirem à sua hierarquia em função do ecumenismo. Dentre os líderes cursilhistas compareceram Steve Clark e Ralph Martin Keifer, cujo mentor espiritual é o clérigo Edward O’Connor.

Este sacerdote, membro do Departamento de Teologia do Universidade de Notre Dame, com longa experiência pastoral entre jovens, bastante envolvido com o movimento católico pentecostal, é autor de “The Pentecostal Mouvement in The Catholic Church” (Ave Maria Press, Notre Dame, Indiana, U.S.A.) e do artigo “Pentecost and Catholicism” publicado na revista The Ecumenist (julho-agosto, 1968).

Destaca-se O' Connor entre outros sacerdotes engajados na ação ecumenista. Coube-lhe, outrossim, a tarefa de se infiltrar entre os evangélicos pentecostais, até então mui fechados para o ecumenismo.

Em 1966, fazia sucesso nos meios protestantes o livro de David Wilkerson "A CRUZ E O PUNHAL". No intuito de preparar os seus dois dirigidos, Steve e Ralph, para auxiliá-lo na jornada de ecumenizar os pentecostais através de uma explosão carismática no meio católico, os fez ler o livro.

O' Connor obteve o êxito desejado.

Outro livro posto pelo clérigo nas mãos dos rapazes foi "ELES FALAM EM OUTRAS LÍNGUAS", de John Sherril.

Entusiasmado, tudo de acordo com os prognósticos do padre Edward O' Connor, Ralph procurou certas experiências com pentecostais, as quais o habilitaram para instrumento nas mãos do seu mentor. Compareceram os dois à Convenção dos Cursilhos e, dentro mesmo do plano de O' Connor, levaram a Assembleia a avaliar os resultados das investidas ecumenistas nas áreas pentecostais. Constataram o fracasso!

Relataram, porém, suas experiências pessoais referentes aos dons carismáticos. Referiram-se àqueles dois livros, despertando o interesse geral por sua leitura.

O clérigo Edward prenunciava já o sucesso do seu plano!

Concluído o programa da Convenção dos Cursilhos, no objetivo de orar em busca dos dons espirituais, reuniram muitas pessoas comprometidas, como cursilhistas, em várias atividades do catolicismo, destacando-se a ação ecumênica,

A Universidade Duquesne do Espírito Santo se prestou perfeitamente para essa primeira reunião realizada sob o impacto do depoimento dos dois pupilos de O'Connor e da leitura daqueles dois livros, pois se localiza numa das colinas da cidade de Pittsburgh, Pennsylvania, Estados Unidos. "Naquele monte vento muito; uma brisa forte que vem do rio açoita as pernas dos estudantes e assanha os seus cabelos, principalmente no Outono. Nessa época o poeta e o místico podem sentir no próprio ar o Espírito que vem como "vento impetuoso" e que "sopra onde quer" descreve o casal Ranaghan em seu livro "CATÓLICOS PENTECOSTAIS" (p.15).

Ao clérigo Edward O'Connor nada escapou! Preparou, através de apropriado condicionamento psicológico, os personagens principais: Steve Clark e Ralph Martin e o cenário adequado na colina de Pittsburgh. Demonstrou, com efeito, ser um sacerdote perfeitamente em órbita da "santa Mãe Igreja", mestra em montar farsas semelhantes, próprias para as visões alucinatórias da "Santíssima Virgem" e "corações de Jesus".

As reuniões foram se repetindo no propósito de criar um clima íntimo em cada participante até culminar nas experiências de batismo com o Espírito Santo desejadas por O' Connor e toda a hierarquia clerical.

Nessa conjuntura, entrou em cena o bispo episcopal de Pittsburg, William Lewis, também comprometido com atividades ecumenistas, que se encarregou, sob orientação de O' Connor, de pôr os católicos em busca de avivamento em contato com protestantes habituados a avivadas reuniões de oração.

Além das manifestações do batismo com o Espírito Santo, como a glossolália, os católicos dominavam o ambiente e impunham suas próprias práticas. Ralph Keifer chegou a observar: “Estão vendo o que acontece quando aparecem católicos por aqui? Vocês terminam tendo rituais e cerimônias” (Ranaghan, obr. cit. p. 26).

Ao invés dos crentes evangelizar os católicos nessas ecumênicas reuniões de oração à procura ou para o exercício dos dons espirituais, são os católicos engajados que catequizam os evangélicos...

Essa observação de Ralph Keifer deveria ser meditada pelos ingênuos, sonhadores de levar o Evangelho aos perdidos em encontros semelhantes.

Desde fevereiro de 1967 decidiram os batizados com o Espírito Santo realizar as chamadas “reuniões de fim-de-semana”, oportunidade quando sempre havia alegre parte social com danças, para outras pessoas buscarem semelhantes experiências espirituais.

Ralph Keifer, orientado pelo padre Edward O'Connor, em meados de fevereiro de 1967, levou as notícias alviçareiras à Universidade de Notre Dame, pormenorizando fatos relatados em janeiro anterior por Bert Ghezzi e acrescentando muitos outros.

O casal Kevin e Dorothy Ronaghan, o futuro autor do livro “CATÓLICOS PENTECOSTAIS” (“marcado de profundo sentido ecumenista”), sumamente interessado, passou, em princípios de março, a promover reuniões de oração com o mesmo propósito. Alunos, professores, padres, freiras foram se envolvendo...

Na conformidade com o plano de Edward O'Connor, o início deveria ser em Pittsburgh porque, no caso de fracasso, a repercussão seria inexpressiva. Seu grande desejo, porém, era envolver a Universidade de Notre Dame, a principal universidade católica dos Estados Unidos. Os católicos norte-americanos mais fervorosos e das regiões mais distantes anseiam seja exaltado o nome da sua religião e, por isso, embora com sacrifícios, enviam os seus filhos que se destacam nos estudos ou até em qualquer modalidade de esporte a estudar nessa Universidade.

A Universidade de Notre Dame vincula-se às maiores glórias, até esportivas, e aos maiores empreendimentos do catolicismo na América do Norte.

Muito bem preparados e vitoriosos no desincumbirem-se de sua missão, Clark e Ralph se constituíram nos líderes do pentecostalismo católico no campus de Notre Dame e em outras Universidades e aglomerados católicos.

Em Notre Dame os “fins-de-semana” reuniam até quarenta pessoas, oportunidades em que jamais faltou - e nem poderia faltar - a missa na gruta da Senhora de Lourdes.

Observe-se: desde o princípio dos cognominados católicos pentecostas timbraram por sua presença a mariolatria e a missa.

Satisfazendo o interesse dos promotores e mentores da explosão pentecostal entre os católicos, a imprensa se encarregou de noticiar aos quatro cantos do paí e fora dele os estranhos acontecimentos do campus de Notre Dame. E muitos curiosos e outros interessados passaram a visitar a Universidade com o desejo de presenciarem as manifestações.

No verão de 1967, uns três mil estudantes de todo o país, freiras, padres, e irmãos-leigos, foram àquela Universidade para estudos de extensão em matérias adiantadas. E grande parte deles foi atingida pela nova experiência. Como resultado, além da propaganda da imprensa, os “batizados com o Espírito Santo” disseminaram por muitas regiões, as mais distantes, a prática de reuniões de oração para busca e exercício dos dons espirituais.

Mary Papa, do The National Catholic Repórter, descreve a reunião que presenciou participada por três padres e quatro freiras e quando o cântico de hinos era acompanhado por guitarras. Transcreve-la-ei no desejo de que os evangélicos pentecostais possam refletir: “AS ORAÇÕES CONTINUARAM, PORÉM, EM MEIO A UM ALEGRE BATE-PAPO. UM JOVEM CASAL PERMANECIA DE MÃOS DADAS. UMA MOÇA BEBIA COCA-COLA. UM HOMEM OFERECIA CIGARROS A ALGUÉM. QUANDO ELES, EM SEGUIDA, INICIARAM UM CÂNTICO QUE DIZIA: ‘ELES SABERÃO QUE SOMOS CRISTÃOS, POR CAUSA DO NOSSO AMOR’. SENTI-ME, EU MESMA, SENDO ABSORVIDA POR AQUILO” (Ranaghan, obr. cit., pp. 61-62).

“Alegre bate-papo”... “Jovem casal de mãos dadas”.

“Moça bebendo coca-cola”... “Oferecendo cigarros”... Tudo numa cordialíssima reunião de oração. Isso tudo, porventura, inspira? Ajuda a comunhão com Deus?

Os evangélicos pentecostais, entusiastas dos católicos pentecostais, aprovam? Será que terão cigarros em suas reuniões?

Será ainda que Mary Papa não descobriu também entorpecentes por lá? Ou bebidas alcoólicas?

Correu a história de que bispos, durante as sessões do Concílio Ecumênico Vaticano II, estavam sendo batizados com o Espírito Santo e falavam línguas. Soube-se, contudo, que eles se embriagavam, isto sim, num bar-restaurante instalado junto das salas das sessões...

Ralph Martin e Steve Clark, porém, prosseguiram na tarefa imposta pelo seu mentor espiritual, Edward O’Connor. No Outono de 1967, acompanhados de Gerry Ranch, o guitarrista Jim Cavnar e o sacerdote-mentor, dirigiram-se à Universidade de Michigan, em Ann Arbor. Suas

andanças prosseguem na incumbência de incentivar e fortalecer a eclosão pentecostal no meio católico.

Texas, Flórida, Pennsylvania, Massachusetts, Nova Iorque, Illinois, Indiana, Ontário... Dayton, Cincinnati; Cleveland, Ohio; Kansas City e Conception, Missouri; Portland, Oregon; Denver, Colorado... Estados e cidades, incluindo-se a própria Washington, por onde se disseminam os católicos pentecostais causando júbilo intenso aos hierarcas católicos seguros agora do seu domínio absoluto nos Estados Unidos, vencidos pela ação ecumenista, o mais espetacular estratagema empreendido pelo clero de Roma.

.oOo.

## **Capítulo 3**

### **OS “CATÓLICOS PENTECOSTAIS” NO PROGRAMA ECUMENISTA**

**AO PAPA** - o olímpo do Vaticano - interessa o desenvolvimento do ECUMENISMO, fonte inexaurível de resultados previstos e ambicionados, pois de sua pontifícia ganância nenhuma área refugioso escapa.

Sem outro desejo senão o de informar, sugiro a leitura dos livros de minha autoria: **“O PAPA ESCRAVIZARÁ OS CRISTÃOS?”** e **“O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS”**. São obras vasadas à luz de documentos sobre o assunto emanados do Vaticano, de autoridades católicas e do Concílio Mundial de Igrejas. Na primeira obra demonstra-se a origem histórica e o porquê do interesse papal sobre o movimento. Na segunda, as suas finalidades e os diversos métodos de sua ação.

Por falta de esclarecimento, há tantas ideias distorcidas sobre o assunto também entre as pessoas contrárias que insisto na necessidade urgente da leitura desses livros. São páginas vigorosas, que incitam seus leitores a uma definição e tomada consciente de posição.

Os sectários pontifícios se espalham por toda a face da terra intentando aplicar normas adrede estudadas para infiltrar e implantar o ECUMENISMO. Avaliam o terreno, observam o adversário, chamam para si as atenções, insinuam-se, aproximam-se, solapam... E, por fim, dominam!

Ao longo da História encontra-se toda sorte de façanhas clericais. Engodo, suborno, rapina, sequestro, inquisição... O ECUMENISMO,

todavia, é a sua maior e mais espetacular empreitada a carrear a mais farta messe para os celeiros vaticanos.

O papa é o individuo mais inteligente, mais solerte e mais ardiloso do mundo. É diabolicamente sagaz. É satanicamente perspicaz.

Porém, acreditem, ele jamais supunha ser tão feliz ao deflagrar a onda ecumenista.

Conseguiu arrebanhar os insensatos das denominações vinculadas ao protestantismo histórico fadadas à extinção em consequência do seu crescimento vegetativo. Obteve a cumplicidade dos incrédulos instalados, por amadorismo religioso, no meio evangélico. Pode contar com a credulidade dos “snobs”, ignorantes, desejosos de passar por muito atualizados e, porque está na moda ser ecumenista, aceitam dançar no ritmo da mazurca clerical. Granjeou o beneplácito dos figurões complacentes fascinados com a eventual promoção que a boataria religiosa lhes poderia proporcionar por considerá-los sintonizados com a hora presente. E na rabada desse movimento, com os seus olhos de ganância, vê o papa a malta dos fantoches predicantes de boa vizinhança com o diabo.

Ocorre que a apatia de muitos evangélicos caídos na rotina se alia ao trabalho de sapa que os “falsos irmãos” fazem no sentido de criar um ambiente de conformismo com o situação reinante.

O papa se utiliza de todos esses para compor o elenco da patuscada ecumenista. Move-os a todos como se movesse bonecos-de-engonço sem jamais se embaraçar nos cordões.

Tudo lhe sai mais fácil do que as suas previsões, pois os arlequins provenientes dos meios evangélicos se agacham e se acapacham com muito mais mobilidade do que “sua santidade” imaginava.

Dentre os grupos evangélicos, os PENTECOSTAIS se demonstravam os mais refratários. Os mais arredios às pretensões papistas. Apegados às Santas Escrituras repeliam as insinuações da idolatria!

Com quanto desapontamento o clero observava a ausência deles em seus conciliábulos ecumenistas! Quantas preocupações lhe causava o interesse evangelístico do povo pentecostal!

Quantas almas, outrora escravas de suas práticas religiosas, agora se passaram para esse povo ao encontrar a gloriosa libertação espiritual em Jesus Cristo!

O crescimento do povo pentecostal causava terrível angústia aos sacerdotes de Roma.

O que fazer?

Esquivava-se ele sempre de qualquer proposta de contato ou diálogo.

Reconheciam os clérigos o amor e o entusiasmo desse povo pela experiência chamada “BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO” e pelos “DONS ESPIRITUAIS”, sobretudo o da cura divina e o da glossolalia.

Se todos os grupos evangélicos se entendem nas doutrinas fundamentais da Bíblia e se irmanam na gloriosa e bendita “**Verdade do Evangelho**” (Gálatas 2:5, 14) de que SÓ CRISTO SALVA O PECADOR, distinguem-se entre si na divulgação de determinadas e características práticas.

Assim os presbiterianos, dentre outras, por causa de sua organização eclesiástica. Os batistas embora outros grupos neste assunto os acompanhem, pela sua longa e épica história vinculada ao batismo por imersão de crentes. E os pentecostais pelas suas experiências do “batismo com o Espírito Santo” e a crença nos dons espirituais ou carismáticos.

Escapa do objetivo deste livro entrarmos na história deste último grupo mencionado. Ressalte-se, contudo, o seu impressionante crescimento a causar angustiantes sobressaltos à hierarquia nababesca de Roma.

Decidiu o clero infiltrar-se entre os pentecostais até bem pouco avesso às suas insinuações, manipulando uma farsa, um arremedo, da experiência característica deles, o “batismo com o Espírito Santo”.

Nem o fantástico analuvião da propaganda ecumenista, nem o diálogo sempre executado com êxito no envolvimento de pessoas de outras denominações, nem os cultos ecumênicos celebrados em ocasiões especiais como nas comemorações pátrias, enfim, nenhuma tática, nenhum ardil ecumenista enredava os pentecostais.

Mas agora, cheio de si a arrotar argúcia de inteligência, o papa contempla embevecido o imenso entusiasmo pelo pentecostalismo católico a grassar em muitas faixas evangélico-pentecostais. Para sua alegria, enfeitiçaram-se muitas delas. Muitas caíram na esparrela e aceitaram o “conto” do batismo com o Espírito Santo.

Desiludam-se os menos informados. A investida carismática nos meios católicos consta com o “*nihil obstat*” da sua hierarquia clerical. Nessa irrupção, nada existe fora da orientação dos supremos hierarcas, pois ela não é fruto de nenhuma suposta liberalização da “Igreja Católica Romana”.

Tudo é vaticanodirigido. Pontificeguiado!

“O movimento pentecostal não separou ou excluiu os católicos da sua Igreja”, informam os Ranaghan (Obr. cit., p. 73).

Facílimo foi ao padre Edward O’Connor aplicar o golpe porque os atuais católicos pentecostais repetem as mesmas e cediças experiências do romanismo tempos em fora, como já verificamos em capítulo anterior. É que primeiro davam-lhe outros nomes e se limitavam à promoção de devoções a santos e às “nossas senhoras”. Agora o objetivo é promover o ecumenismo.

Reconhece o clero o amor acendrado que os evangélicos pentecostais têm pelo batismo com o Espírito Santo e pelos dons espirituais, de que,

aliás, procede o seu nome. E habilmente se aproveitou desse belo título para rotular suas farsas e seus histerismos.

Utilizando-se dessa tática, o clero viu com júbilo abertas muitas portas em diversos setores pentecostais. Encontraram mesmo acolhida fraterna.

Com efeito, dentre os sinais da próxima vinda de Jesus vêm eles o derramamento do Espírito, consoante Joel 2:28-29: **“E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o Meu Espírito”**. Baseados em Atos 2:16-18, verificam o seu cumprimento neste período após - Jesus relacionando-o com o batismo no Espírito.

Segundo esta profecia, assim crêem, Jesus batiza com o Espírito Santo todas as pessoas sem levar em conta separações denominacionais. Derrama o seu Espírito sobre toda a carne, sem quaisquer acepções de grupos. Em consequência, muitos - e de todas as denominações, mesmo contrariando suas normas tradicionais e a vigilância dos seus líderes - em especiais reuniões de oração, que, de resto, se multiplicam, buscam sequiosos a “segunda bênção”.

A cognominada “explosão pentecostal” escapa ao controle dos dirigentes das áreas evangélicas tradicionais. Em muitas delas ocorrem cisões, exclusões de pessoas implicadas. Estas, em atitude de mártires, apegadas ao nome de sua antiga denominação, se agrupam e mantêm o título, embora acrescentem-lhe algum adjetivo a marcar a nova experiência.

Chegam alguns a prenunciar o fim das chamadas denominações ortodoxas ou tradicionais. Há os entusiastas pela extinção total de todas elas, pois todos, não importam as suas convicções sobre a forma do batismo-ordenança, sobre as várias correntes escatológicas, sobre a organização da Igreja local, sobre o ministério, etc, todos se nivelarão nas experiências carismáticas do batismo com o Espírito Santo e no uso dos dons espirituais examinados por Paulo Apóstolo em sua Primeira Epístola aos Coríntios (capítulos 12 e 14).

Nada mais importa para alguns grupos evangélico-pentecostais senão a “segunda bênção”. Tudo o resto é secundário nesta hora do derramamento do Espírito.

Deus não leva em conta nenhuma barreira e, conforme creem, toda a carne atingida por aquele derramamento. Também os católicos!

Ao observarem, ainda, o comportamento de aversão por parte dos grupos “ortodoxos” ou “tradicionais”, imaginam que os católicos pentecostais sofrem por parte de sua cúpula hierárquica semelhante repressão.

“Vejam! Jesus está cumprindo a promessa do derramamento do Espírito. Ele batiza com o Espírito Santo sem levar em conta as nossas diferenças denominacionais. É uma bênção para todos. Para os católicos também”.

Eis expressões entusiastas de alguns.

Acreditam, iludidos, haver o Concílio Ecumênico Vaticano II, ao deflagrar o movimento ecumenista, oferecido aos católicos oportunidade de se aproximarem dos evangélicos e que, agora, os bispos se veem em sérios embaraços para coibir-lhes o prosseguimento nas experiências carismáticas.

Aqueles iludidos olham para estes católicos com entusiasmo - com maior entusiasmo do que olham para os outros evangélicos contraditados pelos seus líderes e coirmãos “ortodoxos” - e com enlevo, vendo neles pessoas superiores por se transformarem aos seus olhos a grande, a inconteste prova do cabal cumprimento daquela promessa registrada por Joel 2:28-29.

O Jornal “O Batista Nacional” (nº 6, de julho de 1970) exibe o artigo “Avivamento hoje” de autoria do Pastor Reuel P. Feitosa, onde declara: “Há pouco chegou-nos às mãos a carta de um pastor americano, David du Plessis, onde dá conta de que “Deus está abençoando grandemente nosso país em todas as igrejas. É simplesmente espantoso como um reavivamento carismático das igrejas esta varrendo este país, especialmente a Igreja Católica Romana. Tem acontecido que centenas de freiras e sacerdotes estão recebendo o batismo com o Espírito Santo cada semana nos conventos e nos seminários”.

Muitos antigos refratários caíram nas malhas do ecumenismo. Deixaram-se emboscar, qual simplória mariposa vencida pela própria luz que a atraiu.

Tenho para mim que a área evangélica mais solapada, prejudicada, comprometida com o ecumenismo está em quase todos os grupos pentecostais ou pentecostalizados.

E o pior é que esses avivados incautos nem se apercebem do desastre. Pelo contrário: Blazonam-se da maior desgraça em que poderiam ter caído.

Com amargura, sinto que os pentecostais também no Brasil vêm perdendo e rapidamente aquele ardor evangelístico até há pouco tempo característico deles.

Ranaghan, em seu livro já citado, explicita: “Um dos mais ricos frutos desse movimento carismático contemporâneo é a união dos cristãos de muitas denominações, no Espírito de Jesus. Episcopais, Luteranos, Presbiterianos, Metodistas, Batistas, Discípulos, Nazarenos, Irmãos, assim como Pentecostais denominacionais têm-se tornado nossos queridos irmãos e irmãs em Cristo, unidos pelo batismo com o Espírito Santo” (Obr. Cit., p. 282).

E à página 195 enfatiza para que ninguém duvide das intenções de domínio por parte da hierarquia católica ao lançar como pontas de lança seus asseclas entre os evangélicos pentecostais: “Um saudável aspecto ecumênico se desenvolveu no movimento e tem sido tremendamente frutífero...”

Porei em caixa alta para chamar a atenção a seguinte observação: “**E TEM SIDO TREMENDAMENTE FRUTÍFERO...**”.

Ressalta, ainda, entre os movimentos litúrgico e escriturístico incentivados pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, o ecumenismo como um dos “dons soberanos do Espírito” (p. 204).

Os que imaginam estarem os bispos romanos em sérias dificuldades com seus fiéis carismáticos se enganam. Aliás, um apressado observador nota: “A escalada ecumênica, propiciando mais chegada convivência com áreas católicas, admitindo concessões, também permitiu a absorção de certas ideias e comportamentos dos ‘irmãos separados’ ”.

Desiluda-se o nobre e apressado observador. Essa convivência produziu efeito contrário ao notado por ele.

Os católicos não absorveram certas ideias e comportamentos dos evangélicos. Ranaghan elucida: “Mesmo sendo autenticamente católico, esse movimento [carismático] trouxe uma nova dimensão às relações ecumênicas entre os cristãos” (Obr. cit., p. 73).

Observe-se que o casal-autor de “CATÓLICOS PENTECOSTAIS” é taxativo ao reconhecer que o movimento é “AUTENTICAMENTE CATÓLICO”.

Note-se, outrossim: Tem ele na América do Norte levado muitos evangélicos pentecostais para o seio do catolicismo romano.

Nesta oportunidade, menciono apenas um caso. Na reunião ecumênica de oração realizada na Universidade de Dayton, em Ohio, onde se encontravam o padre Edward O’Connor e seus auxiliares, Ralph e Steve, a missa assistida por todos, também pelos evangélicos e protestantes, assinalou o clímax dos programas. “Antes do ofertório da missa”, conta Ranaghan, “Tom Bettler... fez profissão de fé e foi oficialmente recebido na Igreja Católica, tendo recebido a sua primeira comunhão” (Obr. cit., p. 71).

A hierarquia episcopal no Brasil não esperou se beneficiar apenas com a tradução em nosso vernáculo do livro “CATÓLICOS PENTECOSTAIS”.

Trouxe um sacerdote norte-americano, JESUÍTA, Harold J. Rahm. Por duas razões sobretudo sediou-se em Campinas, uma cidade com 400.000 habitantes do interior do Estado de São Paulo: porque nessa localidade se concentram muitos missionários evangélicos norte- americanos, o que representa uma ameaça às tradições católicas campineiras; e por carecer o clero daquela arquidiocese de um representante capaz de desenvolver uma atividade ecumenizante no sentido de impressionar os evangélicos à frente de várias e antigas organizações, além de suas Igrejas.

Paro o Brasil, Harold J. Rahm, preparado nas mesmas táticas de Edward O'Connor, seu pessoal amigo, veio trazer as experiências carismáticas. E é ele quem declara em seu livro “SEREIS BATIZADOS NO ESPÍRITO” (Edições Loyola, São Paulo, 1972): “Tenho visto o movimento pentecostal favorecer melhor o entendimento ecumênico, em pouco tempo, que discussões teológicas, por um longo período” (p. 22).

Inclusive já aqui no Brasil, observou: “Frequentemente, são [os pentecostais não católicos] abertos a ponto de apreciar, e mesmo aceitar, muitas das proposições que nos são caras” (pp. 21-22).

No primeiro capítulo do seu livro “SEREIS BATIZADOS NO ESPÍRITO”, editado, aliás, com a aprovação eclesiástica e apresentado solenemente pelo sr. Antonio Maria Alves de Siqueira, arcebispo metropolitano de Campinas, a contrariar a ideia de que o movimento pentecostal no meio católico é subreptício, no primeiro capítulo do seu livro, o jesuíta Rahm, trata das “vantagens da renovação carismática”, destacando a “ABERTURA ECUMÊNICA”.

Neste item das vantagens daquela renovação, Rahm, a contradizer a impressão de que “a escalada ecumônica permite aos católicos a absorção de certas ideias e comportamentos” dos evangélicos, afirma: “Se não possuem [os “cristãos separados”] toda a verdade, a grande parcela que possuem, sabem defendê-la, amá-la e partilhá-la, como dom magnífico do tesouro maravilhoso que o Pai lhes confiou. Nós, que possuímos ‘toda a verdade’ (João 16:13), na riqueza incomensurável dos sacramentos, e no carinhoso amor da Mãe de Deus, que é também nossa...” (pp. 46-47).

Embora tendo a Bíblia como única regra de fé, aos pentecostais, de acordo com Rahm, falta a verdade total. Por carecerem eles da tradição e do magistério eclesiástico são destituídos da “riqueza” (?) dos sacramentos, da Mãe de Deus (?) que também é mãe dos católicos...

Cego, terrivelmente cego, o jesuíta, encastelado nos pavorosos erros de sua seita, se considera elevado a um pedestal de suma importância donde olha com imensa compaixão para os pequeninos pentecostais debilitados à falta da verdade completa.

Esse petulante jesuíta observa a valiosa contribuição oferecida pela renovação pentecostal católica ao ecumenismo: “O Espírito de amor, na sua renovação, tem operado o milagre da mútua compreensão e união, milagre que se opera nos encontros carismáticos com a abertura, simplicidade e rapidez, que todos os seminários ecumênicos e discussões teológicas não conseguiram. E isso nos faz pensar que se aproxima o dia, se já não se vem realizando, de certo modo, no Espírito de Cristo, do ‘único rebanho e do único pastor’” (João 10:16). Esperamos que o Espírito de Cristo esteja “preparando o caminho do Senhor, aplainando as suas veredas” (Mateus 3:3), para que as diferenças se vão resolvendo cada vez mais até chegarmos à unidade completa” (p. 47).

Com efeito, o unionismo sob a única autoridade do pontífice romano, o único pastor, é o objetivo primacial do ecumenismo vaticanocentrista, conforme se poderá constatar à luz de farto documentário exibido e analisado ao longo da primeira parte do livro de minha autoria “O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS”, cuja leitura é da máxima urgência também para os evangélicos pentecostais a fim de que se desvencilhem quanto antes da marota cilada destinada a levá-los ao desastre total e irreversível.

Impossível, outrossim, encerrar este capítulo sem trazer o pensamento a respeito do assunto do monge beneditino Estêvão Bettencourt: “O ecumenismo [tendência à aproximação crescente das diversas denominações cristãs entre si] constitui uma nota forte do pentecostalismo católico. A este título, o movimento merece aplausos e apoio” (in Pergunte e Responderemos, 149/ 1972, p. 238).

.oo.

## Capítulo 4

### **EXPERIÊNCIAS “PENTECOSTAIS” A SERVIÇO DO REAVIVAMENTO CATÓLICO**

**DISSUADAM-SE OS EVANGÉLICOS** pentecostais entusiastas do “avivamento” a alastrar-se entre os católicos. Este “avivamento” não facilita a evangelização. Mas, planejado e promovido pela própria hierarquia clerical como método de ação ecumênica, dificulta a obra evangelística e leva os católicos avivados a um apego muito maior às suas doutrinas e um reafervoramento mais intenso às suas práticas devocionais e rituais.

O casal Kevin e Dorothy Ranaghan, autores do livro “CATÓLICOS PENTECOSTAIS” são honestos em não encobrir o fato: “O MOVIMENTO PENTECOSTAL NÃO SEPAROU OU EXCLUIU OS CATÓLICOS DA SUA IGREJA. AO CONTRÁRIO, RENOVOU O SEU AMOR PELA IGREJA E EDIFICOU UMA FÉ VIVA NA COMUNIDADE CATÓLICA” (p. 73).

O jesuíta Rahm, o sacerdote vindo dos Estados Unidos e posto em Campinas para, com objetivo ecumônico, iniciar e desenvolver atividades pentecostais entre católicos brasileiros, em seu livro “SEREIS BATIZADOS NO ESPÍRITO”, logo no primeiro capítulo, ao apresentar as “vantagens da renovação carismática” para os católicos evidentemente, destaca entre elas a “NOVA APRECIAÇÃO DA IGREJA, DA LITURGIA, DA EUCARISTIA, DE MARIA” (p. 38).

Deste tópico do primeiro capítulo desse livro sublinhamos as seguintes frases, síntese de sua assertiva: “O PENTECOSTALISMO NÃO É UMA SEITA, UMA RAMIFICAÇÃO DENTRO DA IGREJA. OS SEUS ADEPTOS SÃO BONS CATÓLICOS...” (p. 38).

“Daí acontecer que os que recebem o batismo do Espírito são, ou devem ser, melhores cristãos, membros leais e devotados da Igreja, fiéis aos seus ensinamentos e às suas práticas, mormente ao que respeita aos sacramentos” (p. 38).

A seguinte frase porei em caixa alta para chamar bem a atenção: “UM CRISTÃO, CUJA VIDA É CONDUZIDA PELO ESPÍRITO, NÃO PORÁ NUNCA EM QUESTÃO A OBEDIÊNCIA DE VIDA ÀS DIRETIVAS DA IGREJA OU DO SUCESSOR DE PEDRO, O CRISTO VISÍVEL NA TERRA” (p. 38).

Segundo os Ranaghan e o jesuíta Harold J.Rahm, o católico batizado com o Espírito Santo se torna mais idólatra (se é possível haver graus ou escalas na idolatria). Mais idólatra em todas as modalidades católicas: petrolatria, papolatria, sacramentalatria, mariolatria, eucaristiolatria.

A obra “CATÓLICOS PENTECOSTAIS” enfileira um punhado de testemunhas a evidenciar e comprovar aquelas afirmações dos Ranaghan e do clérigo Rahm.

Desde os primórdios da eclosão avivalista em Pittsburgh constata-se o intenso reafervoramento em todos os “despertados”.

“TODOS EXPERIMENTARAM UM INTERESSE MUITO MAIOR EM PARTICIPAR DA VIDA SACRAMENTAL DA IGREJA DO QUE ANTES” (Ranaghan, obr. cit., p. 32).

Essas pessoas passaram a ter maior “apreciação pela eucaristia” (idem, ibidem, p. 28).

Os depoimentos das pessoas “queimadas” na Universidade Duquesne do Espírito Santo, em Pittsburgh, ilustram essa ênfase.

David Mangan, ex-aluno dessa Universidade, desde 1967 leciona matemática e religião no Colégio St. Thomas, em Braddock, Pennsylvania. Como católico engajado foi procurar na experiência pentecostal uma renovação do que recebera no batismo sacramental e na crisma (pp. 37-42).

Mary McCarthy, também ex-aluna de Duquesne, depõe: “Em senuida tornei-me envolvida de maneira mais dinâmica na liturgia. A assistência diária à Missa tornou-se minha maneira de viver. Através da Missa recebo a força de que necessito para testemunhar de Cristo e dos seus ensinamentos”. E mais adiante: “Hoje alegro-me em dizer que minha religião católica tornou-se mais dinâmica para mim. Tenho percebido esta mesma atitude dinâmica em meus amigos que receberam o batismo” (pp. 44-45).

Ao ler esses testemunhos recordo-me de um amigo espírita. Nascido num lar espiritista, sempre creu nas doutrinas de sua religião, ensinava-as

a outros, assistia assiduamente às “sessões” e se considerava um espírita engajado. De certa feita experimentou, para surpresa sua porque fora colhido de modo inesperado, a comunicação com o além ao ser “tomado” pelo espírito de uma pessoa importante na encarnação terrena. Sob o impacto desta experiência avivou-se o meu amigo e se tornou também um espírita dinâmico.

Patrícia Gallagher, outra ex-aluna da Universidade Católica de Pittsburgh, engajada, empregava todo o seu tempo ao serviço católico no Newman Center, em Michigan. Recebeu o batismo com o Espírito Santo “enquanto estava de joelhos, em oração, diante do santíssimo sacramento”. Se era “boa católica”, tornou-se mais fervorosa. “Sinto-me mais devota”, depõe, “do que nunca aos sacramentos, especialmente à Eucaristia. O batismo com o Espírito Santo trouxe vida e significação a muitos aspectos do catolicismo, que antes eram para mim somente hábitos e tradições” (p. 51).

Preciso destacar o depoimento dessa mulher. Repeti-lo-ei em caixa alta “**SINTO-ME MAIS DEVOTA DO QUE NUNCA AOS SACRAMENTOS, ESPECIALMENTE À EUCARISTIA. O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO TROUXE VIDA E SIGNIFICAÇÃO A MUITOS ASPECTOS DO CATOLICISMO, QUE ANTES ERAM PARA MIM SOMENTE HÁBITOS E TRADIÇÕES**”.

A recrudescência do fervor católico se acentuou também nos avivados da Universidade de Notre Dame.

James Cavner, ex-aluno desta escola superior, envolveu-se no trabalho católico do Newman Center, de Ann Arbor. De origem católica, foi estudar em Notre Dame, “não somente porque era uma boa Universidade, mas também porque era católica” (p. 77). Embora houvesse sofrido uma crise religiosa, jamais deixou as práticas de sua seita, sobretudo a da missa. Ao participar do Cursilho reafervorou-se e, depois do batismo com o Espírito Santo, seu entusiasmo católico se intensificou ao máximo (pp. 76- 85).

Jim Cavnar, o guitarrista das reuniões de oração, adquiriu o hábito de rezar o rosário desde que recebeu o batismo com o Espírito Santo (p. 253).

Um comissário religioso de Farley Hail, Tom Noe, numa residência de universitários, estudou também em Notre Dame.

Impuseram-lhe as mãos, a seu pedido, numa reunião avivalista na casa dos Ranaghan, quando, segundo relata: “Senti imediatamente como se meu peito inteiro estivesse querendo subir para a cabeça. Meus lábios começaram a tremer e meu cérebro começou a dar estalos. Em seguida comecei a rir sem parar”. Aconteceu-lhe o batismo com o Espírito Santo! “Umas duas semanas mais tarde”, prossegue, “estava sentado em classe, esperando que fosse iniciada a aula de Teologia, e usava o tempo disponível para rezar o rosário [um hábito que adquirira desde que recebera o batismo com o Espírito Santo]”. E nesta oportunidade começou a falar línguas

estranghas. “DESCOBRI UM NOVO GRAU DE SIGNIFICAÇÃO EM TODOS OS SACRAMENTOS, ESPECIALMENTE NA CONFISSÃO E NA EUCHARISTIA”, reconhece Thomas Noe. “CHEGUEI A ENTENDER DE MANEIRA MAIS PERFEITA A EUCHARISTIA COMO SACRIFÍCIO E VOLTEI À CONFISSÃO FREQÜENTE, A QUAL ANTES TINHA DÚVIDAS SOBRE SEU VALOR COMO AGENTE DE CORREÇÃO. DESCOBRI UMA PROFUNDA DEVOÇÃO A MARIA” (pp. 87-93).

Senti-me no dever de ressaltar a parte final deste testemunho para chamar a atenção dos evangélicos pentecostais e perguntar-lhes: “Como veem esse reafervoramento à luz da Bíblia? A Bíblia autoriza os chamados sacramentos? A Bíblia autoriza a eucaristia ou missa como sacrifício, o sacrifício do Calvário, que, no altar da missa, se renova e se repete? A Bíblia autoriza a confissão sacramental? A Bíblia autoriza a devoção a Maria?

Se qualquer evangélico pentecostal fascinado por essa onda católica ou comprometido com o ecumenismo me mostrar um só versículo das Escrituras que revela uma daquelas proposições, voltarei imediatamente ao seio da religião do papa e, como padre reintegrado, irei ensinar aos católicos o batismo com o Espírito Santo para reacender-lhes no mais alto grau o fervor a todas às suas práticas sacramentais e devocionais.

Outro ex-aluno de Notre Dame, Bert Ghezzi, testemunha em favor da assertiva dos Ranaghan e do jesuíta Rahm no sentido de que os católicos avivados se inflamam em sua fidelidade à religião da hierarquia. “Nasci e cresci como católico romano. Minha mãe, nossos padres da paróquia local e as freiras, na escola primária da paróquia, plasmaram-me nas formas da piedade católica tradicional”.

Em 5 de março de 1967, Berth e sua esposa Mary Lou passaram pela experiência “pentecostal”, e registra: “Como muitos dos nossos amigos já descobriram, o Espírito Santo renovou nosso amor pela Igreja (...). As devoções naturais, como a de Maria, por exemplo, tornaram-se mais significativas (e eu era dos que colocavam Maria completamente fora de cena anos atrás). Especialmente a vida sacramental da igreja tem-se tornado mais significativa, particularmente o sacramento da penitência, que ambos usamos agora com muito mais resultado e frutos do que nunca” (pp. 10-115).

Mary Pat Bradley, outra católica desde o berço, a confirmar a assertiva do jesuíta Rahm e do casal Ranaghan, em cuja residência, durante uma reunião de oração quando todos os presentes a acompanhavam na reza do *Magnificat* (o cântico de Maria registrado por Lucas 1:46-55, que os devotos marianos transformaram em reza como louvor à Senhora) foi atingida com a renovação carismática. A sua experiência, confessa, “de nenhum modo atrapalhou o interesse ou a participação na vida institucional, nas

realidades sacramentais ou nas devoções tradicionais da igreja” (pp. 117-123).

A funcionária do hospital católico em Elwood, Indiana, senhora John Orth, apresentar-nos-á o último depoimento desta série: ‘Assistia à missa e aos sacramentos regularmente, fazia trabalhos paroquiais e tentava ser bondosa, procurando ajudar meus amigos e vizinhos, embora eu mesma tivesse minha parcela de sofrimento’. “Queimada” pelo fogo pentecostal católico num dos encontros avivalistas de Notre Dame, seu fervor aumentou e declara: “Meu interesse profundo pela missa aumentou e meu amor e compreensão pelos clérigos também aumentou” (pp. 131-132).

Diante destes depoimentos nada se tem a comentar. Confirmam as afirmações de Harold J. Rahm e dos Ranaghan.

Elas, outrossim, nos incitam à compaixão dessas pobres almas.

.oo.

## Capítulo 5

### O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO E O BATISMO SACRAMENTAL

**O LIVRO “CATÓLICOS PENTECOSTAIS”,** que assanhou a onda ecumenista no Brasil, após um histórico, apresenta uma série de depoimentos, os “testemunhos de apoio”, e, a seguir, entra na parte doutrinária do assunto, objeto de suas páginas,

Há um aspecto do livro, bem como da obra de Harold J. Rahm, “SEREIS BATIZADOS NO ESPÍRITO”, que me chamou a atenção. É a honestidade! Nunca os dois tentaram sequer encobrir as verdadeiras intenções e os reais objetivos do movimento pentecostal católico: o reafervoramento dos católicos para a ação ecumenista. Aliás, isto decorre com todos os documentos pontifícios sobre o ecumenismo.

Qualquer evangélico sincero, portanto, que ler esses livros ou esses documentos ficará imunizado contra o vírus ecumenista.

Se meu objetivo é cooperar com a causa evangélica em geral e, em particular, neste assunto, com a causa pentecostal, preciso eximir-me do dever de desnudar a artimanha “católico-pentecostal”, o método deflagrado pela hierarquia romana no intento de minar as forças evangélico-pentecostais.

Como resultado, portanto, focalizaremos certos aspectos das tradicionais doutrinas católicas que oferecem arcabouço para a “explosão pentecostal” nas áreas romanistas.

Nessa conformidade, somos forçados a usar a terminologia daquela dogmática, aliás aplicada também pelos dois livros acima mencionados.

Estas obras repetem várias vezes o vocábulo sacramento, que, segundo a teologia católica, se define como um sinal sensível, instituído por Jesus Cristo para comunicar ao pecador a graça divina.

*“Sacramentum est signum sensibilequod, ex stabile institutione Christi, vim habet gratiae non solum significandae sed et producendae”.*

Rahm, o jesuíta “renovado”, à p. 199 do seu livro “SEREIS BATIZADOS NO ESPÍRITO”, confirma essa definição ao dizer: “A graça nos é outorgada, em modo particular, através dos sacramentos”.

Afirma, ainda: “Os sacramentos conferem graça ex opere operato, isto é, de si mesmos...” (p. 203).

É um sinal sensível, isto é, material. Assim, no sacramento do batismo o sinal sensível é a água; na crisma ou confirmação, bem como na unção dos enfermos ou extrema-unção, o óleo; na eucaristia, o pão e o vinho; na confissão ou sacramento da penitência, a declaração dos pecados; etc.

Sacramento, portanto, é feitiçaria, pois sabe-se ser feitiçaria o atribuir-se um valor ou poder sobrenatural a um objeto material. A farradura afixada na porta de uma casa para evitar “mau olhado” é feitiçaria. A cabeça descarnada de um boi morto a ostentar os seus recuros chifres erguida na ponta de uma vara para evitar os pragas numa plantação é feitiçaria. Feitiçaria é a planta denominada “espada de S. Jorge” posta no terraço de uma casa para dar sorte. Feitiçaria é a figa que muitas pessoas usam no desejo de serem felizes em seus empreendimentos. Tanta e tanta feitiçaria. Até o número 13 pode ser transformado em artigo de feitiçaria.

Para o crente em Jesus sacramento e feitiçaria são sinônimos. Ambos são a mesma coisa.

A teologia católica afirma que o sacramento é instituído por Jesus Cristo.

Pergunto: Onde nos Evangelhos encontramos Jesus estabelecendo poderes a objetos materiais ou sensíveis para nos conceder, através deles, a sua graça misericordiosa e salvadora?

Qual é o instrumento - e único instrumento - que Ele requer de nós para nos outorgar Sua graça e Suas bênçãos?

É a fé. Fé segundo as Santas Escrituras. Fé nEle. E somente nEle!

Ele salva o pecador com a única condição de, arrependido, crer nEle como seu único e todo-suficiente Salvador.

No capítulo intitulado “COMO RECEBER O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO”, o livro “CATÓLICOS PENTECOSTAIS” salienta: “Depois, você deve se conscientizar de que já está vivendo no Espírito através do batismo, da

confirmação, da santa eucaristia e dos outros sacramentos, tanto quanto através da vida de oração e ação” (pp. 271-272).

Penso que os evangélicos pentecostais repelem este ensino romanista por estarem convencidos de ser a fé o instrumento pelo qual Jesus batiza com o Espírito Santo.

Lembrando, porém, que a liturgia envolve todo o ritualismo da administração, prática e celebração dos sacramentos, encontramos à p. 227 do livro citado esta declaração: “É DENTRO DO PRISMA LITÚRGICO QUE A REALIDADE E PROPÓSITO DOS DONS SE TORNAM DEFINIDOS”.

Pasmem ainda os evangélicos pentecostais. À p. 192 encontramos esta assertiva contrária às normas bíblicas: “SEM A VIDA SACRAMENTAL DA IGREJA COMO BASE, AS ORAÇÕES QUE SÃO FEITAS PARA UMA RENOVAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NÃO TERIAM QUALQUER SIGNIFICAÇÃO”.

O clérigo Rahm concorda: “É de notar que as pessoas envolvidas na renovação carismática demonstram, em geral, maior respeito pelos sacramentos, que o comum dos fiéis” (obr. cit., p. 203).

É, portanto, pueril supor-se que, em consequência do Concílio Ecumênico Vaticano II, a chamada “Igreja” haja aberto mão de sua cediça dogmática ou que os “católicos renovados” se rebelam contra ela. Na segunda parte, o meu livro **“O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS”**, à saciedade, demonstramos ser o catolicismo pós-conciliar idêntico ao ante-conciliar. E nesta obra verifica-se à farta estarem os católicos pentecostais em perfeita sintonia e admirável sincronia com toda a teologia e práticas romanistas.

O primeiro dos sacramentos é o batismo. É, no contexto católico, o sacramento da iniciação cristã. Ora, notem como os católicos pentecostais Kevin e Dorothy Ranaghan veem a origem do batismo sacramento. “A prática religiosa de batizar não foi criação da Igreja apostólica. Os rituais de purificação, como o banhar-se ou batizar-se, eram uma prática cívica e social da época. Temos visto que João Batista empregava a imersão em água como símbolo de arrependimento. Há outras referências do batismo dos prosélitos judeus; um banho em água era parte do ritual de iniciação, quando um gentio se convertia ao judaísmo. Entre os essênicos que viviam em Qumran (local dos pergaminhos do Mar Morto), as lavagens rituais eram parte integrante da liturgia da comunidade. Podemos concluir que a Igreja apostólica em seu uso de imersão em água para iniciar os convertidos na nova vida em Cristo, estava adotando a significativa atividade cívica do seu meio ambiente” (pp. 160-161).

Calamidade das calamidades!!!

Segundo a teologia católico-pentecostal a Igreja apostólica praticou a imersão em água porque adotou um rito cívico do seu meio ambiente... Não

reconhece ela haver os crentes em Cristo daqueles primórdios praticado o batismo por ser ordenança de Jesus (Mateus 28:19; Marcos 16:16)?

Atentem os evangélicos pentecostais para o próximo trecho e verifiquem se concordam com os católicos avivados quando eles conexam o batismo com o Espírito Santo e o batismo sacramental.

“A comunidade do Novo Testamento entendeu claramente que a vinda do Espírito Santo estava associada com o batismo. Em Mateus 3:11 e Lucas 3:16, João Batista compara seu batismo com o batismo concedido por Jesus que é com o Espírito Santo e com fogo”. Há uma relação entre o batismo de Jesus no Jordão e o batismo cristão que viria mais tarde. “Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo” (João 1:33). Mesmo conduzindo ao batismo cristão, o batismo de João não tinha a mesma qualidade ou significação. Foi a descida do Espírito Santo que transformou um ritual de purificação, em um sacramento da vinda do Espírito Santo. O ritual de João recebeu nova significação assim que os primeiros cristãos experimentaram a vinda do Espírito Santo no Pentecostes” (p. 161).

Para provar a afirmação de que a comunidade dos primitivos cristãos “entendeu claramente que a vinda do Espírito Santo estava associada com o batismo”, invoca Mateus 3:11 e Lucas 3:16 e compara o batismo de João, o precursor, com o batismo concedido por Jesus que é com “o Espírito Santo e com fogo”. As Escrituras invocadas demonstram o oposto dessa pretensão, pois João distingue enfaticamente o seu batismo do de Jesus. Em seguida os líderes pentecostais católicos se contradizem. Mas dogmatizam que foi a “descida do Espírito Santo que transformou um ritual de purificação, em um sacramento da vinda do Espírito Santo”. Tolice! O batismo com o Espírito Santo no Pentecostes nada teve a ver com o batismo ordenança. Esta ordenança, com efeito, havia sido estabelecida por Jesus.

À p. 162, ao mencionarem João 3:1-21, sentenciam: “No texto, os cristãos primitivos viram a conexão entre o batismo e o Espírito Santo”. Lembram, ainda nessa página, os cinco relatos de Atos dos Apóstolos (capítulos 2, 8, 9:18, 10 e 19) onde é mencionado o batismo em águas, para lembrar: “Todos esses incidentes nos falam que o Espírito tem uma conexão bem chegada, senão inseparável com o batismo, segundo é praticado em Atos”.

Se observam ser de difícil compreensão sobre a sua assertiva o texto em Atos 8, afirmam no mesmo diapasão das declarações anteriores: “A conexão entre batismo e ser cheio com o Espírito Santo é evidenciada em Atos 9” (p.163).

Estendem-se em considerações sobre as cinco passagens de Atos acima mencionadas e depois perguntam e teologizam: “Que podemos concluir desses episódios em Atos? Todos eles relacionam diretamente o Espírito Santo com o batismo. O derramamento do Pentecostes, a fonte do batismo

cristão, é um batismo no Espírito e, finalmente, nessas condições o Espírito é sempre recebido de algum modo no contexto batismal. Assim sendo, o acontecimento batismal, a celebração litúrgica da conversão e iniciação na morte e ressurreição de Cristo, o ato normal e básico para compartilhar o Espírito Santo” (p. 165).

Inexiste nas Sagradas Escrituras qualquer passagem que confirme essa teologia dos católicos renovados, aliás afinada com a tradicional teologia católico-romana.

Os evangélicos pentecostais creem no batismo com o Espírito Santo como uma segunda bênção posterior à conversão do pecador.

Como os evangélicos pentecostais, os que admitem o batismo com o Espírito Santo como uma segunda bênção, veem este ensino dos católicos pentecostais, coincidente, aliás, com a tradicional teologia de Roma?

E por nos referirmos à tradicional doutrina, com o intuito de demonstrar o seu apego e submissão incondicionais à teologia romana, os católicos pentecostais, como ela, se valem da Tradição, a fonte de Revelação Divina além das Escrituras (no ensino católico) para insistirem na tecla repisada: “Tudo indica que o batismo que Jesus dá - o batismo com o Espírito Santo - veio a ser identificado com os sacramentos cristãos da iniciação” (p. 168).

Ao defenderem o batismo com o Espírito Santo como uma segunda bênção posterior à conversão, os evangélicos pentecostais contestam ardorosamente os outros evangélicos quando estes identificam o batismo com o Espírito Santo com a conversão, oportunidade em que o pecador recebe o Espírito do Senhor. Por isso tem havido muitas disputas, rivalidades, provocadas de ambas as partes.

Surpreende-me por muitos motivos o fato de uma editora de pentecostais divulgar a tradução do livro do casal Ranaghan e também por esta razão: a teologia católico-pentecostal identifica não o batismo com o Espírito Santo com a conversão, mas o batismo com o Espírito Santo e o batismo sacramental católico, forçando absurda exegese de passagens bíblicas, como verificamos, e, se baseando na patrística (tradição), insistem: “O que fica claro é que temos um acontecimento (batismo sacramental) no qual ocorre simultaneamente, e podemos dizer até indistintamente, a regeneração e o derramamento do Espírito. Os dois estão tão bem relacionados” (p. 171).

Lembram os vários lances do sacramento da regeneração, que é o batismo segundo a teologia tradicional e pós-conciliar católica, naqueles séculos dos “Pais da Igreja”, os órgãos da Tradição, a outra Fonte de Revelação, porque para a dogmática romana, a Bíblia é insuficiente. E concluem: “Esse ritual (o batismo sacramental) na Igreja dos primeiros cinco séculos era o batismo com o Espírito Santo” (pp. 171-172).

E lembram: “É interessante observar o que disseram os Pais da Igreja com relação às várias partes dos rituais de iniciação, particularmente em relação ao derramamento do Espírito. Vários pontos são universalmente aceitos: 1) O Espírito Santo opera em todo o ritual, através dos símbolos sacramentais.

2) O neófito nasce de novo no ritual; abandona o velho homem, morre e ressuscita com Cristo, como novo homem.

3) O neófito recebe o Espírito Santo no processo, junto com os dons e frutos do Espírito” (p. 172).

Clamam aos céus tantos absurdos! Será que os crentes pentecostais e os renovados fecham os olhos? Poderão acaso encontrar eles alguma afinidade com a renovação carismática católica?

Os “Pais da Igreja”, reconhecem-no os Ranaghan, disputavam quanto ao momento preciso em que ocorria o batismo com o Espírito Santo durante as várias partes da administração do batismo-sacramento: se na imersão, se na unção com óleo, ou se na comunhão eucarística. (Lembramos que a teologia católico-romana se recheia de disputas e opiniões as mais contraditórias). Embora contrariando as Escrituras, numa coisa, porém, concordavam de acordo com os próprios Ranaghan: “Podemos dizer basicamente que a iniciação cristã era, na Igreja Patrística, um sacramento geralmente chamado batismo, e que no contexto daquele acontecimento o novo nascimento e a recepção do Espírito Santo tomavam lugar” (p. 173).

**“O ÚNICO PONTO IMPORTANTE AQUI É QUE NOS PRIMEIROS SÉCULOS, SER CHEIO COM O ESPÍRITO SANTO, RECEBER OS DONS E FRUTOS DO ESPÍRITO, PARA VIVER EM CRISTO, ERA MÉTODOS INTEGRANTES DOS RITOS BATISMAIS E PASCAIS”** (p. 174).

Reafirmando essa velha doutrina patrística, os católicos pentecostais elucidam o significado de sua experiência após tantos anos de batizados: “O batismo com o Espírito Santo, do modo como usamos o termo, foi derramado na Igreja desde o domingo de Pentecostes e através da completa celebração batismal ainda hoje. A Igreja é cheia com o Espírito Santo e, como Corpo de Cristo, ela recebe os dons e frutos do Espírito. O QUE ESSE NOVO MOVIMENTO PENTECOSTAL PROCURA FAZER ATRAVÉS DE FERVOROSAS ORAÇÕES, E PELA FÉ NA PALAVRA DE DEUS, É PEDIR AO SENHOR QUE ATUALIZE, DE UM MODO CONCRETO E VIVENCIAL, O QUE O POVO CRISTÃO JÁ RECEBEU” (p. 182).

Tudo acima em caixa alta para destacar. Continuamos em caixa alta com o mesmo interesse porque desejamos chamar a atenção dos evangélicos pentecostais para o que os católicos renovados entendem por batismo com o Espírito Santo nesta experiência tão propalada:

**“NA PRÁTICA É MAIS UMA EXPERIÊNCIA DE REAFIRMAÇÃO DO QUE DE INICIAÇÃO.** Entre os católicos pentecostais este batismo nem é um novo sacramento, nem é um sacramento substituto” (p. 182).

Depois de repetir que o batismo com o Espírito Santo se identifica com o batismo sacramental, explicam os Ranaghan o sentido do movimento que tanto entusiasmo desperta entre os evangélicos pentecostais e avivados: “O QUE O GRUPO CARISMÁTICO DE ORAÇÃO ESTÁ FAZENDO É ORANDO, COM FÉ CONFIANTE, PELA CONCRETA RENOVAÇÃO E CONTINUAÇÃO DO BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO NA VIDA DA PESSOA... SE QUISÉSSEMOS SER MAIS PRECISOS NÃO DEVERÍAMOS FALAR DO RECEBIMENTO DO BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO, MAS DA RENOVAÇÃO DO BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO” (p. 192),

Repto: “Se quiséssemos ser mais concisos não deveríamos falar do recebimento do batismo com o Espírito Santo, mas da renovação do batismo com o Espírito Santo”,

À luz destas declarações os renovados e renovacionistas católicos merecem a simpatia que lhes devotam certas faixas evangélicas?

Ainda duas rápidas citações do livro “CATÓLICOS PENTECOSTAIS” a fim de demonstrar claramente as suas convicções sobre o assunto. Transcrevá-las-emos em caixa alta também:

“A ORAÇÃO PEDINDO O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO, É SIMPLESMENTE, UMA ORAÇÃO DE FÉ CONFIANTE, PARA QUE SEJAM RENOVADOS E ATUALIZADOS, EXISTENCIALMENTE, EM SUA INICIAÇÃO BATISMAL (pp. 188-189). O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO COMO É COMUMENTE USADO PELOS CATÓLICOS PENTECOSTAIS É PRECISAMENTE UMA ORAÇÃO PELA RENOVAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DA INICIAÇÃO BATISMAL” (p.192).

Um dos constantes ardis da teologia católico-romana é utilizar-se da terminologia bíblica com sentido diverso.

À luz neotestamentária, Igreja é a congregação de pessoas regeneradas, mas para aquela teologia é a sociedade dos batizados (lembre-se o batismo infantil) que aceitam as doutrinas católicas e se submetem ao papa, a sua pedra fundamental. Consoante a Bíblia, conversão envolve arrependimento e fé, mas o catolicismo aceita ser o batismo a conversão. Segundo as Escrituras, Cristo Jesus é o nosso Único e Todo-Suficiente Salvador, o Único Mediador, o Único Advogado, mas o Cristo da teologia católica é diferente, pois não é único, uma vez que requer uma coredentora, uma medianeira de todas as graças, uma advogada. O Cristo católico é muito diferente do Cristo, nosso Salvador, embora os nomes sejam idênticos. E enfileiraríamos uma comprida lista de nomes iguais com significações diversas...

Assim também a expressão “batismo com o Espírito Santo”. Os católicos renovados conforme vimos, têm outra concepção dessa experiência, embora usem a mesma expressão.

Como o uso desta terminologia lhes facilita a investida ecumenista entre os evangélicos pentecostais, apregoam-na aos quatro ventos.

Outrossim, de renovação pentecostal, o catolicismo só aceitou o nome porque até rejeita o dom de línguas como evidência do batismo com o Espírito Santo.

Com efeito, a maioria dos grupos pentecostais crê ser o falar línguas estranhas a manifestação, a prova, a evidência do revestimento do Espírito Santo pelo Seu batismo.

Os Ranaghan, porém, observam: “Para muitas denominações pentecostais, o batismo com o Espírito Santo e a experiência dos dons tem sido um foco tão central que tende a excluir outras ricas facetas da vida comunitária cristã” (obr. cit., p. 196).

E à p. 44, especificam: “A PESSOA PODE SER CHEIA COM O ESPÍRITO SANTO, SEM A EVIDÊNCIA TANGÍVEL DAS LÍNGUAS”.

E insistem: “ALGUNS PENTECOSTAIS DENOMINACIONAIS SUSTENTAM QUE A PESSOA SÓ É BATIZADA COM O ESPÍRITO SANTO SE TIVER FALADO EM LÍNGUAS. É CLARO QUE ISTO É INTEIRAMENTE INACEITÁVEL DENTRO DA TEOLOGIA CATÓLICA” (p. 277).

O sacerdote Rahm, em seu tratado: “SEREIS BATIZADOS NO ESPÍRITO”, destinado a reavivar os católicos, é taxativo: “Todavia, para ele [Paulo] esse dom [o de línguas] não é o mais importante. De fato, na sua fila aparece entre os últimos” (p. 150).

Sincronizado com os Ranaghan, manifesta-se o jesuíta renovado: “É a opinião de alguns, sobretudo entre os de denominação pentecostal, que o dom de línguas é a ‘evidência inicial da recepção do Espírito Santo’. Querem significar que, enquanto não orarem em línguas, as pessoas não receberam o batismo no Espírito. Todavia, o livro dos Atos nos mostra que esse dom não é uma evidência; o que é evidência é a tendência para o ‘louvor inspirado’. Pode ser em línguas ou em língua vernácula (Atos 2:4-11; 8: 9-13; 10:45-46)” (p. 98).

O que mais se necessita dizer ou demonstrar para abrir os olhos dos crentes pentecostais enredados na cilada clerical?

Será que tudo o que demonstramos já não os convence da impossibilidade de se considerarem os “católicos renovados” incluídos no cumprimento da promessa do derramamento do Espírito?

.oo.

## Capítulo 6

### O AVIVALISMO CATÓLICO DESPERTA ACENDRADA SUBMISSÃO

## À HIERARQUIA CLERICAL

O CLÉRIGO HAROLD J. RAHM, o jesuíta instalado em Campinas, Estado de São Paulo, para acender o estopim da “explosão pentecostal” católica no Brasil e arrombar com o seu impacto as comportas e barreiras antiecumenistas no meio evangélico pentecostal, no fulcro da velha, cediça, teologia católico-romana nestes tempos do assanhamento da estupidez humana apodada de teologia pós-conciliar, enfatiza a presença dos Apóstolos no maravilhoso fato do Pentecostes.

“No Pentecoste, os Apóstolos são ‘investidos com a força lá do alto como Cristo prometera (Lucas 24:49)’” (Harold J. Rahm, obr. cit., p. 66).

Só os Apóstolos foram revestidos de poder? Somente eles se encontravam no cenáculo?

Pelo v. 15 do capítulo 19 de Atos dos Apóstolos sabemos que “**a multidão junta era de quase cento e vinte pessoas**” e pelos vv. 3 e 4 do capítulo 2 do mesmo Livro averiguamos que: “**Foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo**”...

Portanto, não só os Apóstolos, mas todos!

Pertinaz, renitente, alheio à exatidão dos informes bíblicos, Rahm pergunta: “Quais os efeitos, nos Apóstolos, da recepção da plenitude do Espírito no Pentecoste?

Primeiramente, ensina-lhes toda a verdade...

E esse amor ardente e sempre novo enche-os [os Apóstolos] de força para testemunhar. Conhecemos como os Apóstolos, de tímidos que eram, se tornaram ousados na pregação de Jesus Cristo...

A força era bem necessária aos Apóstolos que muito sofreriam pela Verdade de Cristo, até darem a vida por ela” (obr. Cit., pp. 68-69).

Rahm, encegueirado pela teologia de sua seita, está obcecado e não consegue ler corretamente os relatos de Atos.

Realmente, aos Apóstolos prometeu Jesus o Espírito da Verdade para guiá-los em toda a Verdade (João 16:13-15): “**Esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito**”, explicou-lhes Jesus em João 14:26.

Aos Apóstolos coube a missão especialíssima e única de órgãos da Revelação Divina. Coube-lhes um magistério especial e, de fato, antes de concluído o Novo Testamento, suas pregações se constituíram em viva Revelação. Competia-lhes a incumbência de completar o depósito da Revelação. Em consequência, disse-lhes Jesus: “**Tudo quanto tenho ouvido de Meu Pai vos tenho dado a conhecer**” (João 15:15) e sobre eles permaneceu depositada a doutrina de Cristo, total e íntegra como deve ser anunciada a toda criatura (Mateus 28:20; Marcos 16:15). Por isso, são eles

os fundamentos da Igreja (Efésios 2:20; Gálatas 2:9; Apocalipse 21:14; Mateus 19:28).

No propósito de capacitá-los para o desempenho dessa incumbência especialíssima é que Jesus lhes prometeu o Espírito Santo. Este Divino Paráclito os faria cumprir cabalmente essa missão: ensinando-lhes todas as coisas e fazendo-os lembrar de tudo quanto Jesus lhes havia dito (João 14:26).

Pelo Espírito Santo conduzidos à Verdade íntegra e inspirados, consignaram nos Livros NeoTestamentários a Revelação Total do Salvador, com o objetivo de torná-la conhecida em todas as épocas pelos Evangelhos e Epístolas.

Esse mesmo Espírito iluminou-lhes as mentes quanto à obra de Cristo, não só imprimindo nelas os ensinamentos de Jesus, mas concedendo-lhes também o significado espiritual de Suas palavras. É surpreendentemente maravilhoso observar-se como os escritores dos Evangelhos puderam recordar-se de sermões inteiros de Jesus, cada um do seu ponto de vista pessoal e possivelmente não sabendo este o que aquele escrevera, e, no entanto, contarem a mesma história, sem conflitos e contradições.

Com a morte de João, encerrou-se a Era Apostólica e o Período Neotestamentário, ficando completa a Revelação Divina. Os livros do Novo Testamento substituíram a pregação oral dos Apóstolos.

Enquadrado na dogmática católica, porém, o jesuíta Rahm escapa desta Verdade cristalina porque interessa-lhe levar seus “renovados” a um apego íntimo e a uma sujeição estreita à hierarquia eclesiástica.,

Aqueles textos sobre a promessa do Espírito Santo feita por Jesus, a teologia católica, consoante sua praxe, junta João 14:16: “**E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco**” e ainda Mateus 28:20: “**E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século**”.

E com malabarismos de sofismas conclui com esses textos haver Jesus instituído a sucessão apostólica através dos séculos na pessoa dos bispos católicos.

Daí o interesse de Rahm insistir no fato de que o Espírito Santo foi derramado sobre os Apóstolos para ensinar-lhes, como órgãos da Revelação NeoTestamentária, toda a Verdade e lembrar-lhes tudo o que Jesus lhes dissera (João 16:13-15; 14:26), desceu Ele também sobre todos os discípulos a fim de lhes dar a força para testemunhar (Lucas 24:49; Atos 1:8) até com o risco da própria vida. Então, o primeiro a testemunhar com a própria vida foi Estêvão, que não era Apóstolo, mas “**cheio de fé e do Espírito Santo**” (Atos 6:5), “**cheio de fé e de poder**” (Atos 6:8). Em prisões tantos testemunharam com poder, com a força do Alto, o Nome de Jesus na ocasião em que Saulo açojava ainda mais em ódio por causa do heroísmo de Estevão. “**Assolava a igreja, entrando pelas casas e, arrastando homens**

**e mulheres, os encerrava no prisão”** (Atos 8:3). Com o derramamento do Espírito, tornaram-se, não só os Apóstolos, mas sim todos os discípulos por Ele ungidos, ousados na pregação de Jesus Cristo.

No interesse, porém, de promover a sua hierarquia, o jesuíto “renovado” de Campinas limita aos Apóstolos o revestimento de poder.

No livro “CRISTO? SIM! PADRE? NÃO!” e no capítulo 11 de “O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS”, ambos de minha autoria, cuja leitura, com humildade, empenhado e com insistência, recomendo, demonstra-se a identificação na teologia católico-romana da Igreja com a sua hierarquia. A Igreja é o hierarquia (= os bispos ligados ao papa). A hierarquia é a Igreja. Em seus primórdios, o catolicismo se cognominava de Igreja da Hierarquia.

Se cabe à hierarquia, no seu múnus santificador (?), confeccionar e administrar os sacramentos, o derramamento do Espírito Santo se faz “através da Igreja” (Ranaghan, obr. cit., p. 168).

Os mentores do movimento carismático católico, a serviço de sua hierarquia, conjugam todos os esforços por levarem os “renovados” a uma adesão mais estreita com ela, embora, para se desincumbirem dessa tarefa, torçam e retorçam as Santas Escrituras.

Os Ranaghan, na obra “CATÓLICOS PENTECOSTAIS”, se estendem em várias observações sobre Atos 2 após transcrevê-lo, ressaltando em primeiro lugar: “1) O cerne do capítulo é que a Igreja primitiva foi cheia do Espírito Santo” (p. 157). Essa Igreja na mente católica, é a sua hierarquia, naquela oportunidade do Pentecostes consubstanciada apenas nos Apóstolos.

Rahm, o mentor eclesiástico do pentecostalismo no Brasil, afinado com a sua teologia clerical, corrobora os Ranaghan: “A Igreja é o grande meio, o meio ideal da salvação... Ela é a grande depositária da graça, que dispensa, pelo Espírito, em todos os mistérios renovados da vida do Salvador, no seu ciclo litúrgico” (obr., cit., p. 80).

É verdade: O próprio Concílio Ecumênico Vaticano II (Constituição Dogmática *Lumen Gentium* § 48 e § 54) reafirmou o velho dogma de que “fora da Igreja não há salvação”. *EXTRA ECCLESIA NULLA SALUS!*

Na p. 159, o livro do casal Ranaghan, porque cabe à hierarquia o produzir e aplicar os sacramentos, afirma: “Somente pelo fato de ser vivificada pelo Espírito é que a Igreja continua a celebrar o mistério pascal de Cristo, em palavra e sacramento, fazendo presente e eficiente em cada geração a plenitude da redenção”.

Afirmiação essa também antibíblica porque, segundo as Escrituras, a redenção se torna presente e eficiente em cada um quando crê. A fé é o único veículo por parte do pecador pelo qual Deus lhe comunica Sua Graça redentora.

Interessa aos mentores da renovação carismática romanista inculcar a autoridade pontifícia como base fundamental da Igreja da Hierarquia que,

ao descrever os fatos do Pentecostes, após a transcrição de Atos 2 acima referida, sob o item 4, comenta: “Pedro, assumindo seu papel de líder...” (p.158).

Aos evangélicos pentecostais simpatizantes dos católicos renovados pergunto: Onde e como em Atos 2 se nota, ou se vislumbra, pelo menos, o papel de liderança por parte de Pedro, que os Ranaghan, como fervorosos católicos, viram?”

Sintonizados com a teologia católica, com efeito, reconhecem não ser a Bíblia Revelação definitiva e completa de Deus para o homem da História deste mundo. À página 202 do seu livro relacionam assim os dons carismáticos: “profecia, serviço, ensino, exortação, generosidade, liderança, misericórdia, apostolado, evangelismo, palavra de sabedoria, palavra de conhecimento, fé, cura, milagres, discernimento de espíritos, línguas e interpretações de línguas”. “A lista é longa, mas na REALIDADE É INFINDÁVEL” (p. 202).

Na assertiva por mim posta em caixa alta se manifesta a ideia da evolução constante da Revelação Divina, também nesta matéria, segundo eles. Por isso os carismas mencionados por Paulo, afirmam “são simplesmente exemplos”. Portanto, não são exclusivos e compete à hierarquia ampliá-los e discerni-los, pois “o papel da hierarquia em si mesmo é carismático, um ofício concedido pelo Espírito Santo” (p. 203). Em consequência, “assim também quando novas estruturas evoluem na Igreja, elas também são cheias do Espírito de Deus” (p. 203).

Porei em caixa alta para caracterizar outra vez a idéia da constante evolução retro referida: “QUANDO NOVAS ESTRUTURAS EVOLUEM NA IGREJA”, porquanto na própria conceituação católico-romana dos Ranaghan, todas as mudanças da sua Igreja são carismas.

“Não estamos dizendo que somente os dons alistados em 1 Coríntios são carismas. Todos os outros dons do Espírito em sua Igreja”, teologizam os Ranaghan, “são carismáticos do mesmo modo” (p. 206).

Os dons, os relacionados na Bíblia e os criados pela hierarquia (= a igreja), sucessora do colégio apostólico liderado por Pedro, “SÃO CARISMÁTICOS DO MESMO MODO”, porquanto a ela cabe prosseguir a Revelação na conformidade com os ensinos pontifício.

No contexto da dogmática romana, lastro do movimento avivalista católico nada há de se estranhar a petulante proclamação: “O CONCÍLIO VATICANO II PERMANECE COMO O MAIS ÓBVIO E CENTRAL RECEPTOR DOS DONS DO ESPÍRITO EM NOSSOS DIAS” (p. 204).

E ainda esta outra: “ESPERÁVAMOS QUE O CONCÍLIO FOSSE UM ACONTECIMENTO ‘PENTECOSTAL’, UM DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO SANTO. E FOI MESMO” (p. 232).

Destacamos com o desejo de facilitar a leitura aos míopes cujas lentes óticas estejam fracas.

O avivamento católico, portanto, crê estar agora acontecendo o derramamento do Espírito anunciado por Joel 2:28-29, pois os bispos, os hierarcas, participes desse Concílio, espalhados por toda a terra, enchem a todos com a plenitude do Espírito. A grande evidência desse fato é o assanhamento episcopal a infundir sob as normas conciliares um reafervoramento em seus fiéis através dos diversos “movimentos de apostolado”.

Dentre estes há o renovacionista ou carismático estreitamente jungido à hierarquia e destinado a agredir com o ecumenismo as áreas evangélico-pentecostais.

Então, o clérigo Harold J. Rahm concita: “Um cristão, cuja vida é conduzida pelo Espírito, não porá nunca em questão a obediência devida às diretivas da Igreja ou do sucessor de Pedro, o Cristo visível na terra” (obr. cit., p. 38).

“A Igreja também precisa de nós”, ensina aos seus dirigidos. “É nela que iremos progredindo. Notemos a palavra de santo Agostinho: “Um homem possui o Espírito Santo na medida do seu amor pela Igreja de Cristo”. E o nosso amor se manifestara por mais respeito, maior doação, melhor acatamento das suas diretivas, maior zelo pelo seu bom nome” (Harold J. Rahm, obr. cit., p. 135).

E eis, como resultado, os católicos pentecostais mais subservientes aos seus bispos e ao papa. Se reafvorados pela experiência carismática” (?) mais se fanatizam pela Igreja (= Hierarquia) porque, quanto mais a servem mais possuem o Espírito Santo.

É frisante o testemunho da senhora John Orth: “Meu amor e compreensão pelos clérigos também aumentou” (Ranaghan, obr. cit., p. 132). Aliás, em todos os depoimentos enfileirados no capítulo 4º deste livro, se constata uma mais intensa adesão à hierarquia clerical por parte dos “católicos carismáticos”.

Escapando, aliás, da égide do seu bispo, o auferidor dos dons espirituais, o católico renovado se inutiliza. Daí o “Decreto sobre o Apostolado Leigo”, do Concílio Ecumênico Vaticano II e citado à página 233 do livro dos Ranaghan, a respeito dos dons espirituais, que estabelece: “O superior deve fazer um julgamento a respeito da verdadeira natureza e uso apropriado destes dons, não para extinguir o Espírito, mas para testar todas as coisas e escolher o que bom” (1 Tessalonicenses 5:12, 19, 21).

Verifiquem-se os versículos bíblicos citados. Nada têm a ver com o anunciado do Decreto. Serviu, porém, para iludir os incautos com a suposição de que o catolicismo hoje segue, ou procura seguir, a Bíblia.

Aliás, os documentos deste último Concílio estão repletos destes enganos. Faltou aos dois mil e quinhentos e tantos bispos conciliares oportunidade de ler os textos e foram - *sine ullo descrimine* — a esmo e ao acaso citando números de capítulos e versículos da Bíblia.

Feita essa observação, à luz da citação acima que conclui este capítulo, os evangélicos pentecostais concordam ter o bispo capacidade de “julgamento a respeito da verdadeira natureza e uso apropriado dos dons”?

Mas o controle por parte dos hierarcas romanistas produz o efeito de conservar seus fiéis “renovados” sob a pontifícia autoridade, e a serviço do ecumenismo entre os protestantes.

.oOo.

## Capítulo 7

### O REAVIVAMENTO IDOLÁTRICO DOS CATÓLICOS PENTECOSTAIS

**DE ALGUNS TEMPLOS ROMANOS** retiraram-se imagens?

Sem se sondarem as verdadeiras razões e os reais objetivos dos clérigos supostos iconoclastas proclama-se haver, no seu plano de transformações e inovações, o catolicismo supresso o culto de imagens.

Ouço sempre declarações entusiastas sobre o NOVO CATOLICISMO (???), inclusive por jornais evangélicos obrigados a primar pelo cumprimento do dever de bem informar, sinônimo de bem orientar a opinião pública. Alguns deles, atrelados à carruagem embandeirada e festiva do ecumenismo, objetivam agradar a todos e alisar tudo.

Pois bem, o NOVO CATOLICISMO (???), que de novo só tem o seu assanhamento, no Concílio Ecumênico Vaticano II, confirmou, ratificou, sancionou o culto às imagens, ou iconolatria.

“OBSERVEM RELIGIOSAMENTE O QUE EM TEMPOS PASSADOS FOI DECRETADO SOBRE O CULTO DAS IMAGENS DE CRISTO, DA BEM-AVENTURADA VIRGEM E DOS SANTOS” (Constituição Dogmática Lumen Gentium § 67).

A própria Constituição *Sacrossantum Concilium*, recheada de normas e prescrições para o culto romano, sem embages, proclama: “FIRME PERMANEÇA O COSTUME DE PROPOR NAS IGREJAS AS SAGRADAS IMAGENS À VENERAÇÃO DOS FIÉIS” (§ 125).

Continuam, outrossim, os sacerdotes a benzer ícones e a instruir o seu povo sobre o assunto. Um fervoroso líder de cursinho saiu-se com o novo argumento apreendido numa de suas reuniões: o culto de imagens só é idolatria quando praticado por alguém que não crê em Deus. Isto é, a crença em Deus legitima esse culto.

É! Eis uma novidade no catolicismo pós-conciliar. Um argumento novo em sua dialética...

Suponhamos, todavia, - e suponhamos só para efeito de exposição - que a hierarquia cancelasse e abrogasse a sua iconologia ou culto de imagens.

Continuaria idólatra!!!

Sim, continuaria idólatra porque os seus sacramentos são idolatria.

Sim, continuaria idólatra porque o seu culto aos santos é idolatria.

Sim, continuaria idólatra porque o culto à sua hierarquia, ao papa especialmente, é idolatria.

Sim, continuaria idólatra porque o culto a Maria é idolatria.

Sim, continuaria idólatra porque a missa é o seu supremo culto idólatra.

Catolicismo é iconolatria, mariolatria, santolatria, papolatria, hierarquiolatria, eucaristiolatria, sacramentalatria...

O culto às imagens, embora importante no ritual católico, é acessório. Qualquer católico reconhece numa imagem um símbolo, uma representação, através da qual cultua o santo de sua devoção.

Mas na eucaristia ele adora Jesus Cristo, com Seu corpo, sangue, alma e Divindade tão realmente como está no céu.

Com efeito, na eucaristia ou missa há, segundo a teologia romana, duplo aspecto: a presença real de Cristo e o sacrifício incruento.

Acontece a presença real com a transubstancialização operada durante a missa pelas palavras consecratórias sobre o pão e o vinho. Aquele pão e aquele vinho pela magia da “consagração” transubstanciam-se, transformam-se verdadeira e realmente em Jesus Cristo, apesar de conservarem suas características acidentais ou exteriores sua substância como o cheiro, sabor, peso, dimensões, configuração.

Em sua carta encíclica *Mysterium Fidei*, sobre a eucaristia, o papa Montini, o cognominado Paulo VI, repisa a velha doutrina: “Esta presença chama-se real... porque é substancial, quer dizer, por ela está presente, de fato, Cristo completo, Deus e Homem” (§ 39). Em consequência, o católico deve prestar à hóstia o “culto latrêutico, que só a Deus compete” (idem, § 55).

A Sagrada Congregação dos Ritos, em 25 de maio de 1967, por sua Instrução *Eucharisticum Mysterium*, estabeleceu normas para as modificações rituais na celebração da missa. No item 3, letra F, porém, a fim de que ninguém se confunda ao supor erroneamente modificações doutrinárias sobre o assunto, salienta: “Ninguém deve duvidar de que todos os fiéis cristãos, segundo o costume sempre recebido na Igreja Católica, prestam a esse santíssimo sacramento a veneração e o culto de adoração que só se deve a Deus... Com efeito, também no sacramento que se conserva deve ele ser adorado, pois que ali está substancialmente presente por aquela

conversão do pão e do vinho pelo Concílio Tridentino apropriadamente chamada “transsubstanciação”.

Se os outros sacramentos são apenas sinais materiais, sensíveis, para a comunicação da graça, a eucaristia é o próprio Cristo, o próprio Deus, autor da graça.

O católico, portanto, ao se ajoelhar diante de uma hóstia presta um culto idolátrico a um pedaço de pão, porquanto os relatos evangélicos sobre a Ceia do Senhor desautorizam a dogmática romana sobre a transsubstanciação e o culto eucarístico.

A missa é a suprema idolatria!!!

O outro aspecto da eucaristia que também aberra das Escrituras e tenta conspurcar o valor infinito da morte de Jesus Cristo é o do sacrifício.

Aquela Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos doutrina ser a missa “o sacrifício pelo qual se perpetua o sacrifício do Cruz” (§ 3). E na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o Concílio Ecumênico Vaticano II afirma que os padres “pela celebração, sobretudo da missa, oferecem sacramentalmente o sacrifício de Cristo” (§ 5).

Segundo a teologia romana, na missa se repete, se renova, o sacrifício de Jesus Cristo. Em cada missa, no instante da chamada consagração, acontece a morte de Cristo, que é demonstrada pelas duas espécies (pão e vinho) separadas: o pão que é a Sua carne e o vinho, o Seu sangue.

Se a missa é a supremo idolatria, também é o supremo escárnio ao sacrifício de Jesus, único e todo-suficiente por ser de valor infinito.

Jesus é Deus e Homem. Como Homem sofreu e morreu, E como Deus valoriza ao infinito esse sacrifício. Sendo, portanto, de valor infinito não pode repetir-se nem se renovar.

Verifica-se também neste ponto que o Jesus Cristo do catolicismo romano não é o nosso bendito, único e todo-suficiente Salvador, Jesus Cristo, cuja morte é de valor infinito.

Contra o catolicismo militam três potências: a História, a Razão e a Bíblia.

À luz da Razão, do bom senso, constata-se acima o absurdo da missa, ainda como sacrifício.

Se os relatos bíblicos da instituição da Ceia do Senhor não autorizam esta doutrina irracional, a Bíblia toda se levanta contra ela.

Como explicar-se a teologia sacrificial da missa à luz, por exemplo, de Hebreus 10:10: **“Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo feita uma vez”?** E de Hebreus 10:12 e 14: **“Mas Este [Jesus] havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus... Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados”?** Mas, para o catolicismo “o mistério eucarístico é verdadeiramente o centro da Sagrada Liturgia e mesmo de toda a vida cristã” (Instrução *Eucharisticum Mysterium*,

§ 1). O Concílio Ecumênico Vaticano II em tantas vezes salientou esta importância suma da eucaristia como, por exemplo, na sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium* ao chamá-la de “centro da Igreja Universal” (§ 68).

Em conseqüência, na eucaristia centraliza-se todo o culto católico-romano, porque, consoante Paulo VI, ela é “o coração e o centro da Sagrada Liturgia” (*Mysterium Fidei*, § 1).

No contexto dessa doutrina, a demonstrar o máximo significado da missa, evidencia-se o valor que lhe devem atribuir os católicos reavivados.

Por isso, tornam-se eles mais fervorosos participantes da missa quando alguns são batizados com o Espírito Santo (Ranaghan, obr. cit., p. 184), conforme observamos em capítulo anterior nos testemunhos registrados no livro “CATÓLICOS PENTECOSTAIS”.

Mary McCarthy declarou: “A assistência diária à missa tornou-se minha maneira de viver” (p. 45).

Patricia Gallagher conta que recebeu o batismo com o Espírito Santo “enquanto estava de joelhos, em oração, diante do santíssimo sacramento” (p. 48). E informa: “Sinto-me mais devota do que nunca aos sacramentos, especialmente à eucaristia” (p. 51).

Thomas Noe, depois do batismo com o Espírito Santo, descobriu “um novo grau de significação em todos os sacramentos, especialmente na confissão e na eucaristia. Cheguei a entender de maneira mais perfeita a eucaristia como sacrifício...” (p. 92).

Ao relatar a sua experiência pentecostal, a senhora John Orth destaca: “Meu interesse profundo pela missa aumentou (p. 32).

E o caso de Tom Bettler? Durante uma missa “fez profissão de fé e foi oficialmente recebido na Igreja Católica, tendo recebido a sua primeira comunhão” (p. 71).

O clérigo Rahm, aliás, acha “natural que após a purificação sacramental e a recepção de Cristo na eucaristia, muitos sejam batizados com o Espírito Santo” (obr. cit., p. 199). E à página 217, do seu livro afirma: “Uma das notas características dos que se entregam ao Espírito Santo é um grande amor a Cristo, um afervoramento da devoção à eucaristia. A necessidade de vivência eucarística é uma das consequências do batismo no Espírito Santo” (obr. Cit.).

Diante das informações apresentadas sobre a doutrina eucarística, pergunto aos evangélicos pentecostais: Concordam ser a vivência eucarística, isto é, a devoção constante à eucaristia, um dos resultados, um dos frutos do batismo com o Espírito Santo?

Se algum envenenado com o tóxico ecumenista julga isso sem importância, ou acredita que um devoto da eucaristia (= eucaristiólatra) possa ser batizado com o Espírito Santo, então que se ajoelhe também diante da hóstia, engula-a e rasgue a Bíblia.

No caso, o intoxicado pelo ecumenismo concorda ainda com o clérigo mentor da eclosão avivalista no Brasil, Rahm, quando diz: “Entre os sacramentos, a eucaristia lhes merece uma devoção toda especial. Até que têm a união mais íntima não só com Jesus, mas com o Pai e com o Espírito Santo” (obr. cit., p. 40).

Rahm continua com a palavra: “A passagem de Cristo sobre a terra tinha que ser transitória. No entanto ele soube ficar “até a consumação dos séculos” (Mateus 28:20) pelos seus dois magníficos dons: a presença eucarística e a presença do seu Espírito” (obr. cit., p. 67).

Quanto a sua permanência entre os crentes pelo Seu Espírito, o Consolador, creio de todo o coração e a sinto em meu íntimo e a reconheço em minha vida.

E o toxicômano ecumenista concorda com a permanência de Cristo pela eucaristia?

Pergunto ao povo evangélico pentecostal: Jesus pode batizar com o Seu Espírito um incrédulo?

Jesus pode batizar com Seu Espírito aquele que rejeita esse Divino Espírito quando o quer convencer do seu pecado?

Jesus pode batizar com o Seu Espírito o bêbado a cambalear pelas ruas?

Jesus pode batizar com Seu Espírito a prostituta agarrada ao seu bordel?

Jesus pode batizar com Seu Espírito o espiritista, cujas doutrinas básicas são a reencarnação e a invocação dos mortos, ambas condenadas pela Bíblia?

Jesus pode batizar com Seu Espírito o índio que crê no valor regenerador das águas do rio Ganges em benefício dos mortos nelas imersos e que presta culto à vaca por acreditá-la sagrada?

Jesus pode batizar com Seu Espírito o terrorista, o sanguinário, o ladrão permanentes na sua contumácia?

E Jesus que não batiza com Seu Espírito ao pecador irregenerado, empedernido, batizará o idólatra só porque este idólatra diz crer também nEle? Vem-me à lembrança aquela palavra de Jesus registrada por Mateus 7:21: **“Nem todo o que me diz Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus”**.

Poderá Jesus batizar o idólatra seguidor de doutrinas de homens?

Por muita boa vontade que se tenha para com os católicos, à vista do culto eucarístico, só podemos considerá-los idólatras.

Mas e as manifestações em seus encontros avivalistas? Não procedem de Deus?

Poderá parecer dura, mas provém da pura realidade a seguinte conclusão: AS EXPERIÊNCIAS PENTECOSTAIS CATÓLICAS NÃO PROCEDEM DE DEUS!

NÃO SÃO DE DEUS!!!

Se procedessem de Deus, então também de Deus seriam as manifestações dos centros espíritas e terreiros de macumba. Nestes lugares também se fala o Nome de Deus.

Para se chegar a essa conclusão nem se necessita do dom de discernimento dos espíritos (I Coríntios 12:10). Quem conhece a Bíblia e a reconhece como ÚNICA REGRA DE FÉ, rejeita como espúrias, falsas, ardilosas e enganadoras as “manifestações carismáticas” dos “católicos pentecostais”.

Católicos pentecostais? Essa não!!!

Católicos pentecostais? Um absurdo à luz da Bíblia!!!

.oOo.

## Capítulo 8

### OS “CATÓLICOS PENTECOSTAIS”, FIÉIS DEVOTOS DA VIRGEM MARIA

**DEPOIS DO CULTO EUCARÍSTICO**, o culto a Maria é a outra grande aberração do catolicismo romano. É a pior de todas as suas pragas!

É a pior de todas as suas pragas?

Explico.

Todos os católicos creem na missa e aceitam os ensinos dos seus clérigos quanto à hóstia, mas grande parte não tem a vivência eucarística. Grande maioria não comunga a obreia. Grande maioria, conquanto creia, porém não é assídua à missa dominical imposta *sub gravi* por preceito da hierarquia.

À chamada “NOSSA SENHORA”, contudo, o apego e a devoção são profundos e generalizados. A vivência mariana é impressionante porque os sentimentos filiais são arraizados em qualquer coração por mais embrutecido no crime e na perversidade. O clero sabe aproveitar-se diabolicamente deste sentimento para condicionar o psíquico dos seus fiéis à devoção a Maria.

Somente depois de muitos sofrimentos e lutas quando confrontava, ao tempo de sacerdote católico, as doutrinas marianas com a Bíblia, fui liberto, pelo poder de Jesus, também da mariolatria.

Tão acendrado no espírito católico o culto a Maria que dele se ocupou à saciedade o Concílio Ecumênico Vaticano II, tido e havido como o acontecimento que abriu nova era para a seita pontifícia.

Efetivamente, a *Lumen Gentium*, a Constituição Dogmática sobre a Igreja, o documento máximo por ser a fonte de todos os demais Decretos e Constituições do Concílio Vaticano II, reserva grande destaque para a teologia mariana.

Através dessa Constituição “é a primeira vez que um Concílio Ecumênico apresenta síntese tão vasta na doutrina católica acerca do lugar que Maria Santíssima ocupa no mistério de Cristo e da Igreja”, declarou o papa Montini, em seu discurso de encerramento da III Sessão do referido Vaticano II, em 21 de novembro de 1964, oportunidade em que Maria foi proclamada MÃE DA IGREJA.

O Concílio Vaticano II abriu nova etapa no catolicismo denominada de ÉPOCA MARIAL sob os anelos e votos do pontífice: “Auguramos, pois, que, com a promulgação da Constituição sobre a Igreja, selada pela proclamação de Maria, Mãe da Igreja, isto é, de todos os fiéis e pastores, o povo cristão se dirija à Virgem Santa com maior confiança e ardor, e a Ela tribute o culto e a honra que lhe competem...” (Paulo VI na mesma alocução de 21 de novembro de 1964).

Confirmou o Concílio Vaticano II todos os antigos dogmas relativos a Maria: maternidade divina, virgindade perpétua, imaculada conceição e assunção corporal aos céus e endossou todas as velhas práticas devocionais em sua honra.

Inovou-lhe o dogma de MÃE DA IGREJA, *MATER ECCLESIAE*. “A Bem-Aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja sob os títulos de ADVOGADA, AUXILIADORA, ADJUTRIX, MEDIANEIRA” (*Lumen Gentium* § 62),

Na tessitura do novo dogma mariológico, sob o título MÃE DA IGREJA, Maria é Advogada, Auxiliadora, Adjutrix e Medianeira.

O jesuíta Harold J. Rahm, devoto da “Senhora de Guadalupe, Rainha das Américas” (obr. cit., p. 15), conduzido ao Brasil “pela bondade da Senhora Aparecida” (obr. cit., p. 16), o jesuíta Rahm, na incumbência de mentor avivalista do catolicismo pentecostal no Brasil, como no podia deixar de ser, tem em seu livro “SEREIS BATIZADOS NO ESPÍRITO” uma exposição sobre o assunto. Transcrevê-la-ei entremeada de comentários, *ipsis verbis*, porque os nossos irmãos crentes em Cristo vinculados ao grupo pentecostal precisam de saber para se imunizarem do vírus ecumenista a infecionar suas áreas através das chamadas “experiências pentecostais católicas”.

Em sua pieguice marial, o jesuíta reavivalista recorre, no intento de relacionar Maria com o Pentecostes, a Nino Salvaneschi Dall Oglia (in “UN FIORE A MARIA”, Milão): “Quando, após a morte de Jesus, os primeiros apóstolos reunidos em torno de Nossa Senhora, ouviram-na relembrar os episódios de Nazaré, Belém e Jerusalém, a sua voz foi para os discípulos a voz do Espírito Santo. Cristo tinha confiado a humanidade redimida ao Espírito Santo e a Maria. Assim, o Calvário e o Cenáculo uniam a Virgem e o Paráclito” (obr. cit., p. 197).

O católico avivado, de acordo com Rahm, perfeitamente sincronizado com a teologia pós-conciliar de sua seita, por sua vez em excelente consonância com a tradicional dogmática pontifícia, precisa imitar a única devoção de Jesus na terra: a devoção a Maria. E “que continua sendo a devoção de Jesus no céu!” (obr. cit., p. 41).

Por outro lado, estimula-lhes acendrado fervor a Maria porque ela “alcança para os batizados no Espírito uma “plenitude crescente”, e uma penetração mais íntima nesses mistérios, que Cristo quer reviver em cada um pelo Espírito Santo” (obr. cit., p. 41).

A todo custo anseia incutir nos católicos “pentecostalizados” como aconteceu, por exemplo, ao casal Lou (Ranaghan, obr. cit., p. 114), a Thomas Noe (idem, ibidem, p. 92), a JimCavnor (idem, ibidem, p. 256) o espírito de dependência de Maria e, por isso, após descrever o acontecimento do Pentecostes, pretende explicar porque à luz desse fato, Maria é MÃE DA IGREJA: “Não queremos terminar esta reflexão”, escreve Rahm, “sobre o Pentecoste sem falar daquela que foi e é a Mãe da Igreja. No cenáculo, “todos eles perseveravam concordes na oração, com as mulheres e Maria, mãe de Jesus” (Atos 1:14). Em Belém, Maria dera a luz Jesus, a cabeça do Corpo Místico. Na Cruz, pela palavra fecunda do seu Filho, o seu coração se alargara para a maternidade espiritual de todos os membros desse corpo, até que se complete na parusia. Era normal que a Mãe presidissem, fosse a madrinha desse batismo do Espírito à Igreja, que no dia de Pentecoste iniciava a sua vida oficial sobre a terra. Inseparável dos mistérios de Cristo, é ela a esposa do Espírito que melhor que ninguém nos pode obter as suas graças e a renovação incessante do Pentecoste para todos os membros do seu Filho. Por isso, a justo título, é chamada Mãe da Igreja” (obr. cit., p. 70).

Neste título encerra-se o dogma de Maria MEDIANEIRA, uma anomalia diante da Razão e da Bíblia quando esta enfatiza em I Timóteo 2:5-6: **“Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo Homem, o qual Se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo”.**

O jesuíta Rahm, todavia, aferrado à sua seita, desconhece essa passagem bíblica e renuncia no seu fanatismo todo e qualquer vislumbre de bom senso, invoca Charmot para lhe valer: “A mediação de Maria (no Pentecoste) aparece em primeiro plano... A fé e a fidelidade de Maria foram imediatamente após a Ascenção, diz-nos a Escritura, o ímã invencível e o exemplo irresistível que reuniram em volta do Cenáculo os apóstolos, os discípulos, as santas mulheres” (obr. cit., p. 197).

Que barbaridade!!! Onde na Escritura qualquer referência a esse “ímã”?

O teólogo do movimento católico carismático no Brasil, contudo, se não encontra em suas elocubrações mariolátricas suporte das Escrituras, vale-se do seu confrade jesuíta Raul Plus (“EM UNIÃO COM O ESPÍRITO

SANTO”, Apostolado da Imprensa, Porto, pp. 206-207): “Ela é a grande mestra da vida interior. Os Atos salientam que Maria estava no meio do grupo, presidindo, não por autoridade, pois o chefe era São Pedro, mas maternalmente a esse alvorecer da Igreja. Estava com eles a Mãe de Jesus. Em toda a parte onde Maria se encontra, o Espírito Santo quer vir trabalhar. É atraído como por um ímã. Desde que na Anunciação a beleza da Virgem o conquistou, Ele deseja sempre fazer jorrar a graça onde quer que descubra a sua virginal presença. Se não me encontro longe de Maria, me beneficiarei infalivelmente das riquezas que lhe forem dispensadas. No Pentecostes, Maria recebera por si maior número de graças que todos os apóstolos e discípulos juntos. É do seu globo de fogo que irradiarão as línguas incandescentes”.

Embevecido, Rahm arremata as piegas considerações de Raul Plus enaltecedo o poder de mediação de Maria: “O autor desse belo trecho sugere que peçamos à nossa Mãe que nos faça participar da sua plenitude. Se Cristo nada nega à mais amado das MÃES, quanto mais a ouve quando lhe pede o que ele mais deseja dar-nos” (obr. cit., p. 70-71).

A ÉPOCA MARIAL iniciada com o Concílio Ecumênico Vaticano II despertou enorme efervescência de pieguice para com a coredentora “MÃE DA IGREJA”. Os mentores da eclosão renovacionista católica, por isso, teologizam para os seus dirigidos sobre Maria em sua nova posição de maternidade eclesial. Harold J. Rahm vale-se de Charmot quando afirma: “E Maria foi então (no Pentecostes) repleta desse mesmo Espírito, como Mãe e como Co-Redentora...”

“Aleluia a Maria...” (obr. cit. p. 196).

“ALELUIA A MARIA”!!!

As reuniões dos católicos pentecostais presididas pela MÃE DA IGREJA (?) avivadas por “ALELUIAS A MARIA”, produzem estupendas manifestações carismáticas...

“Em certa reunião de oração em South Bendt”, por exemplo, “um padre que estava assistindo à sua primeira reunião perguntou a um homem que estava perto dele, onde ele havia aprendido grego. A resposta foi a seguinte: “Que grego?” O padre disse então, para o grupo, que ouvira indistintamente o homem repetir as primeiras sentenças da “Ave Maria”, em grego, durante a sua oração” (Ranaghan, obr. cit., pp.225-226).

“ALELUIA A MARIA”!!! Senhores evangélicos ludibriados pelo ecumenismo... Concordam???

Concordam com aquela reunião em que Mary Pat Bradley foi “batizada com o Espírito Santo” ao som da reza do Magnificat a “Nossa Senhora” (Ranaghan, obr. cit., p. 121)?

Por acaso serão essas reuniões legítima luz da Palavra de Deus? Nas aconterecerá o derramamento do Espírito?

Se acontecer, esquivemo-nos de censurar as sessões espíritas, onde também se fala o nome de Deus.

Harold J. Rahm, sincronizado com a ÉPOCA MARIAL deste pós-concílio, com o coração palpitante de ALELUIAS A MARIA (???) , exclama que no Pentecostes Maria “se tornou verdadeiramente Mãe da Igreja” (obr. cit., p. 196).

Quem sabe se Harold Rahm não foi mesmo batizado com o Espírito Santo e, ao escrever o seu livro, sofreu violenta tentação diabólica, uma saudade do seu tempo de mariólatra, e, por isso, inconscientemente deixou-se trair e passou para o papel os seus sentimentos saudosistas... Assim poderia supor um ecumenista pentecostal no auge da boa vontade, embora discorde daquelas exposições mariais ou marianas.

Não, senhor! Não é nada disso! O homenzinho continua mariólatra. Suas demonstrações marianas são constantes ao longo do seu livro. E são tiradas longas.

Recorre outra vez ao seu confrade Raul Plus (obr. cit., pp. 90 e 91) pedindo endossar-lhe seus ALELUIAS A MARIA: “Não é a Anunciação que faz a grandeza em vida divina da Virgem Maria. Esta grandeza é anterior, e é devido a ela que se realizam os extraordinários desponsórios da Virgem com o Espírito Santo, ou antes do Espírito Santo com ela. Os padres da Igreja têm-no feito observar: o Pai é fecundo: gera incessantemente o Filho. O Filho é fecundo: do Pai e dele procede incessantemente o Espírito Santo. Só este último é que não é fecundo. Mas, ó prodígio inaudito! Graças à sua ação em Maria, ei-lo autor de uma criação extraordinária, e uma fecundidade maravilhosa vem a ser obra sua, em união com a Virgem Imaculada.

É livremente que o Espírito Santo se oferece para esta fecundidade de uma qualidade sem exemplo, e também é livremente que Maria aceita estes desponsórios santos que, segundo dizem os mesmos padres da Igreja, a sagram simultaneamente *Sponsa Spiritus Sancti*, cosangüínea *Trinitatis*, o que no sentido literal vem a ser: “cosangüínea da Trindade”.

A teologia mariana é de um romantismo dulçoroso... Casada com o Espírito Santo entrou, segundo os católicos pentecostais estribados na Tradição (Fonte de Revelação), a fazer parte da Trindade.

Logicamente deveriam eles rejeitar esse nome Trindade. Para serem coerentes, os católicos pentecostais da ÉPOCA MARIAL do pós-Concílio deveriam adotar o nome QUATERNIDADE.

A Trindade deles não é de quatro pessoas?

O Pai gera o Filho. Da relação *ad intra* entre os dois, procede o Espírito Santo. E para que este não ficasse infértil, desposou Maria para gerar Jesus Cristo.

Em consequência, Maria é filha do Pai, Mãe do Filho e Esposa do Espírito Santo.

Eis a quaternidade católico-pentecostal!!!

Nada, pois, a se estranhar quando os avivados romanistas exclamam:  
ALELUIA A MARIA!

Aleluia significa em nossa língua: Louvai ao Senhor.

Então, se Maria é pessoa da quaternidade, por que não lhe exclamar também: ALELUIA?

Perfeitamente de acordo com a EPOCA MARIAL pós-Concílio Vaticano II, o promotor das grandes inovações na catolicismo romano.

Perfeitamente de acordo com os católicos pentecostais engajados na ÉPOCA MARIAL... E “concebidos também em Maria”.

Sim, senhores! Os católicos pentecostais são filhos de Maria, concebidos nela...

É o próprio mentor deles, Harold J. Rahm que, solene, afirma: “Podemos dizer que o Espírito Santo nos concebeu também em Maria” (obr. cit. p. 196).

Em Charmot (“EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E MARIA”) encontrou apoio para a sua assertiva: “A única Mãe que dá a vida divina a todos os vivos é a Santa Virgem. Só ela é verdadeiramente a “Mulher” e a “Mãe de toda a criação humana”.

Preferiu Rahm, porém, recorrer à Encíclica *Ad diem illum*, do papa Pio X, que doutrina: “trazendo Jesus em seu seio, Maria trazia também todos aqueles que tinham vida na vida do Salvador. Nós todos que somos unidos a Cristo, devemos dizer-nos originários do seio da Virgem”.

À vista desse farto documentário, que culmina com essa monstruosidade: “NÓS TODOS QUE SOMOS UNIDOS A CRISTO DEVEMOS DIZER-NOS ORIGINÁRIOS DO SEIO DA VIR GEM”, poderão os evangélicos pentecostais prever frutos de genuína conversão provenientes da “eclosão carismática” nos meios católicos?

Ou não seria o paroxismo da ingenuidade esperá-los?

De minha parte, à luz da Verdade do Evangelho, suponho ser supremamente urgente pregar aos católicos, também aos católicos iludidos pelas experiências carismáticas que SÓ CRISTO SALVA O PECAÐOR e que, havendo-se arrependido dos seus pecados a começar do da idolatria (iconolatria, sacramentalatria, eucaristiolatria, hierarquiolatria, mariolatria) precisam eles de aceita-lo como seu ÚNICO E TODO-SUFICIENTE SALVADOR.

.oo.

## Capítulo 9

## **DUAS OBSERVAÇÕES E CONCLUIREMOS**

**À VISTA DO EXPOSTO**, constata-se a ausência da regeneração por parte dos católicos ‘batizados com o Espírito Santo’ de vez que continuam a praticar as mesmas inquidades.

Praticam-nas, de resto, com muito mais fervor. Se mariólatras, sua devoção a Maria cresceu. Se eucaristiólatras, seu fervor pela missa recrudesceu. Mais subservientes se tornaram à hierarquia.

Incitaram-nos mais à iniquidade as experiências “pentecostais”.

Esta observação de si só demonstra a ilegitimidade dessas experiências.

Tenho para mim que o serviço de Jesus Cristo, o meu Senhor, me requer cada vez mais santo, mais de acordo com a Santa Vontade de Deus. Como poderei servi-lO se meu comportamento desautoriza minhas palavras?

Jesus chama de insensato aquele que ouve a Sua Palavra e não a pratica (Mateus 7:26), pois Ele quer seguidores de vida santa, digna de Sua própria vida.

Os evangélicos pentecostais, se consentâneos com a Palavra de Deus, hão de querer testemunhar através de uma vida digna do Evangelho, as suas experiências de batismo com o Espírito Santo.

Tudo é belo; considerem-se válidas as manifestações dos dons espirituais... Se, porém, faltar santidade de vida, tudo se esboroa no ridículo. Com seu comportamento desajustado, o “cristão” desmoraliza o Evangelho diante do mundo.

Se fosse eu a um templo e visse um crente possuído pelo Espírito Santo realizar prodígios e depois fosse encontrá-lo embriagado na rua ou prostrado diante de uma imagem de “Nossa Senhora”, concluiria, por acaso, que esse cidadão, de fato, é discípulo de Cristo e aquelas manifestações genuínas?

**“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade do Meu Pai, que está nos céus”**, categérico, afirmou Jesus em Mateus 7:21.

A si próprio se seduz o mero ouvinte da Palavra, **“enganando-se com falsos discursos”** (Tiago 1:22).

Aquelas dez virgens loucas, por lhes faltar o azeite como resultado de sua indolência, embora clamassem: **“Senhor, Senhor”**, fechadas lhes foram as portas do Reino (Mateus 25:1-13).

Indignado com essa religião de palavras desmoralizada pelo comportamento, recrimina Jesus: **“E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que Eu digo?”** (Lucas 6:46).

**“Que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras?”** (Tiago 2:14).

Essa fé **“é morta em si mesma”** (Tiago 2:17).

As obras, é verdade, não produzem salvação. Mas a salvação produz boas obras.

Demonstro-me salvo pelo meu comportamento, pela minha vida, pelo meu interesse em seguir os santos preceitos de Deus.

Quem “**está em Cristo, nova criatura é**” (II Coríntios 5:17). Deixou para traz os vícios e a vida suja.

Exige-se dessa pessoa uma cabal mudança de vda. Se era ébrio, deixa de sê-lo. Se era homossexual, deixa de sê-lo. Se era fumante, deixa de sê-lo.

E se era idólatra? E feiticeiro?

Poderá continuar?

Ou será que para o católico pentecostal não vale a advertência de Paulo Apóstolo: “**Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo. Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e Eu vos receberei**”.

Note-se a promessa do Senhor: “**E Eu vos receberei**”.

E mais ainda: “**E Eu serei para vós Pai e vós sereis para Mim filhos e filhas**” (II Coríntios 6:18).

Qual a condição estabelecida pelo Senhor?

Que saiam!

Que saiam de onde?

Do meio deles. Dos ídolos!

“**O templo do Deus vivente**” não abriga ídolos.

Por que o crente não fuma? Por ser o templo do Espírito Santo.

Reconhece à luz de I Coríntios 6:19-20 o valor do seu corpo: “**Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus**”.

Esse corpo, por ser templo do Espírito Santo, não pode se intoxicar com a fumaça do cigarro. E poderá abrigar ídolos?

Onde há ídolos, já se conclui, impossível a presença do Espírito de Deus.

Então, por serem idólatras os católicos injustamente cognominados de pentecostais, não têm o Espírito Santo.

As suas “experiências pentecostais” são embustes. Mistificações!!!

Que façam eles, em primeiro lugar, o que fizeram aqueles efesinos (Atos 19:19). Quebrem as suas imagens: Rejeitem a sacramentalatria . Repilam a hóstia!

Abjurem a idolatria!!!

Quando me converti a Jesus, senti imediatamente, em decorrência da fé, uma profunda repulsa à idolatria. Convenci-me de pronto da impossibilidade absoluta de continuar devoto das imagens e dos “santos”, crendo nos “sacramentos” e na missa.

Ao aceitar Cristo como meu Único e Todo-Suficiente Salvador, esmiucei e joguei fora os pacotes de cigarros armazenados em minha casa paro o sustento do meu vício, espatifei as garrafas de bebidas alcoólicas e despedacei as imagens entronizadas no oratório do meu quarto.

Jesus batiza com o Espírito Santo quem não é selado com o Espírito Santo da promessa? Batiza com o Seu Espírito quem não se deixou convencer pelo próprio Espírito Santo do seu pecado?

Se o fizesse seria construir sobre a iniquidade.

Aberra de todas as normas das Santas Escrituras o admitirem-se “experiências pentecostais” em incrédulos, em irregenerados, em idólatras, em iníquos.

Os mentores do catolicismo pentecostal são coerentes e o casal Ranaghan, no capítulo “Como receber o batismo com o Espírito Santo” do seu livro: “CATÓLICOS PENTECOSTAIS”, nem menção faz sobre a imprescindibilidade do arrependimento segundo Romanos 12:1-2: **“Rogovos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.**

Ao contrário! Destaca aquele casal-autor que, ao se buscar o batismo com o Espírito Santo, não “é uma ocasião de chorar sobre erros passados” (obr. cit., p. 271).

E Rahm, sem rebuços, afirma: “Mas o batismo no Espírito nem sempre envolve uma mais profunda conversão” (obr. cit., p. 100). E, à p. 104: “Se uma pessoa foi batizada no Espírito, mas não se converte a Cristo totalmente, não será grande coisa como cristã; se não comprehende as verdades básicas do Cristianismo, ou não ama a Deus, não será grande cristã”.

Os evangélicos pentecostais chamam o batismo com o Espírito Santo de SEGUNDA BÊNÇÃO. Se for SEGUNDA é porque há uma PRIMEIRA, a conversão.

Os evangélicos enfeitiçados pelo assanhamento pentecostal católico admitirão a SEGUNDA BÊNÇÃO, o batismo com o Espírito Santo prescindindo da conversão, a PRIMEIRA BÊNÇÃO?

Se houver não me admirarei!

Não me admirarei por constatar como se generalizou a estupidez humana.

É claro que os “snobs” enfileiram sofismas sobre sofismas por desejarem coonestar seu esdrúxulo ponto-de-vista. E antibíblico ponto-de-vista. E estúpido ponto-de-vista.

Não me admirarei porque me lembro da Palavra de Jesus: “**Quando vedes a nuvem que vem do ocidente, logo dizeis: Lá vem chuva, e assim sucede. E, quando assopra o sul, dizeis: Haverá calma; e assim sucede. Hipócritas, sabeis discernir a face da terra e do céu; como não sabeis então discernir este tempo?**” (Lucas 12:54-56).

Um dos sinais da próxima vinda de Cristo é a proliferação dos falsos profetas e falsos cristãos. “**E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos**”, advertia Jesus em Mateus 24:11.

“**Porque muitos virão em Meu Nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos**” (Mateus 24:5).

Observe-se: Surgirão muitos embusteiros. “**E ENGANARÃO A MUITOS**”.

“**Enganarão a muitos**” é a observação de Jesus porque Sua profecia quanto ao cumprimento dos sinais de Sua vinda deve ser efetivada. Efetiva-se de maneira espetacular nesta hora de tanta apostasia com o desenvolvimento do ecumenismo, que incita os evangélicos a se aparceirarem com os fautores e mentores do antievangelho e a aplaudirem o Vaticano concentracionário.

O ecumenismo carreia uma imensa e caudalosa onda de simpatia para o “**homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus**” (II Tessalonicenses 2:3-4).

Esse homem do pecado, porventura não será o papa?

A quais títulos se arroga ele?

Vigário de Cristo, infalível, detentor do magistério divino, canonizador de “santos”, revestido do primado universal de jurisdição, senhor das consciências etc...

Quais as honras que se lhe prestam?

É carregado na sédia gestatória, como os “santos” o são em seus andores... Diante dele ajoelham-se os seus fiéis... Beijam-lhe os pés... Aplaudem-no como ao *Pontifex Maximus*, o título usado pelos imperadores antigos por se considerarem deuses...

Que o homem do pecado faça prodígios? E prodígios espetaculares?

Que fale línguas? Que cure?

Nada há a se estranhar porque a vinda do iníquo “**é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira; para que sejam julgados**

**“todos os que não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniquidade”**  
(II Tessalonicenses 2:9-12).

Será que até evangélico sse envolveram na “**operação do erro**” e creem na mentira?

Os fatos espetaculares: curas, profecias, prodígios, línguas, exorcismos, milagres podem não comprovar ser o taumaturgo aprovado por Deus. Conforme as passagens bíblicas acima referidas, podem demonstrar ser ele “**o homem do pecado**”, o falso profeta.

Por isso que no dia do juízo muitos clamaram: “**Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu Nome? e em Teu Nome não expulsamos demônios? e em Teu Nome não fizemos muitas maravilhas?**” (Mateus 7:22).

E Jesus aplaudirá esses tais? Recebê-los-á?

Não! Ao contrário. Rejetá-los-á! “**Então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade**” (Mateus 7:23).

Iniquidade é religião falsa. Embora rotulada de cristianismo, distante das Escrituras, é indigna de Deus.

E Deus repele o seu culto por ser falso, eivado de tradições, comprometido com a idolatria.

Esse culto é iniquidade. Deus não pode suportá-lo. (Isaías 1:13).

Senhores evangélicos pentecostais, escapem do envolvimento ecumenista! Prossigam descomprometidos da idolatria! Acautelem-se!!!

“**Acautelai-vos**”, insiste Jesus em Mateus 7:15, “**acautelai-vos, porém dos falsos profetas, que veem até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores**”.

Em Mateus 24:4-5, o Salvador apela: “**Acautelai-vos, que ninguém vos engane; porque muitos virão em Meu Nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos**”.

Com o Senhor estaremos se Lhe formos fiéis. E a expressão da nossa fidelidade é a nossa submissão à Sua Palavra. A nossa obediência aos Seus santos estatutos e preceitos. A nossa vivência como novas criaturas em Cristo.

O crente em Jesus jamais terá o direito de se deixar enganar e levar pela boataria de prodígios e palavras bombásticas. Primeiro porque tem a Bíblia, a Palavra de Deus. E também porque Jesus, na Sua infinita misericórdia, nos adverte: “**E, então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo; ou ei-lo ali; não acrediteis. Porque se levantarão falsos cristos, e falsos profetas, e farão sinais e prodígios, para enganarem, se for possível, até os escolhidos. Mas vós vede: eis que de antemão vos tenho dito tudo**” (Marcos 13:21-23).

\* \* \*

De antemão dissesse tudo isso, Jesus. Mas quantos hoje estão sendo iludidos!

Deixam-se atrair pelas notícias de prodígios, línguas, curas, milagres, profecias... E compactuam com a idolatria... Com o pecado! Nada de mais veem na iniquidade... Prostituem-se com o ecumenismo, ao qual, no cúmulo do absurdo, no paroxismo da estupidez, consideram um dom do Espírito Santo...

Com que ardor e audácia o Teu servo Paulo batalhou em Éfeso! Toda a Ásia Menor ouviu a Tua Palavra.

Multidões e multidões abjuravam a idolatria, a feitiçaria. A dianolatria!!!

Sentiram os autores da dianomariolatria tremerem os alicerces do falso culto e se revoltaram.

Sustentaram a luta aqueles Teus intrépidos servos.

Paulo Apóstolo, como servo fidelíssimo de Tua soberana vontade, buscou outras regiões do mundo para anunciar-lhes a Tua sacratíssima Boa Nova.

Enquanto isso, os pregadores do antievangelho - não os dianólatras - se infiltraram para destruir o trabalho do Teu Apóstolo.

Os crentes efesinos não se curvariam diante do trono da “Nossa Senhora Diana”. Mas deixaram-se minar pelo antievangelho, a heresia judaizante ou legalista que exige para a salvação do pecador obras além da fé em Ti, ó Jesus.

O antievangelho não Te admite como Único e Todo-Suficiente Salvador.

O Teu dedicado servidor, ao partir, deixou Timóteo em Éfeso para que advertisse sobre essa ameaça e, com o intuito de comprovar a autoridade do seu representante naquela região no sentido de reprimir o surto da heresia, escreveu-lhe uma carta, a chamada Primeira Epístola a Timóteo.

Passando por Mileto, chamou Paulo os presbíteros efesinos (Atos 20:17). Dirigia-se a Jerusalém e já sabia das ameaças das prisões e tribulações. **“Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do Evangelho da graça de Deus”** (Atos 20:24).

Se a sua disposição era tamanha diante do sofrimento, o seu coração de ardoroso pregador de Tua Palavra, contudo, se confrangia por prever os ataques do antievangelho a aquele rebanho de Éfeso. **“Porque eu sei isto, que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho”.**

Lembrando-se dos judaizantes, os seguidores do catolicismo nascente, Paulo Apóstolo anuncia saber com antecipação: **“E que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos apóis si. Portanto, vigai, lembrando-vos de que durante três**

**anos não cessei, noite e dia, de admoestar com lágrimas a cada um de vós”** (Atos 20:29-31).

A despedida foi emocionante, com “**grande pranto**” (Atos 20:37).

Porventura aquele povo acatou as recomendações e advertências instantes do Teu servo Paulo?

Desgraçadamente, informa- nos a História de que não acatou!

Os pregadores do antievangelho, do catolicismo incipiente, quais lobos esfaimados entraram no rebanho.

E irrisão de todas as irrisões!!!

No ano de 431, os bispos católicos, já consolidados em hierarquia clerical, proclamaram na cidade de Éfeso, cuja padroeiro era “Nossa Senhora Diana”, o primeiro dogma da mariolatria: a maternidade divina de Maria.

A mariolatria, sob aspecto dogmático, começou em Éfeso!

O aceitar-se o antievangelho significa resvalar-se para a idolatria.

Apesar das Tuas sérias advertências, apesar das objurgatórias do Teu Apóstolo, muitos, ao longo da História, têm-se apostatado. O mesmo ocorre nestes dias.

Há de se estranhar?

Ao verificar como o Teu rebanho está sendo dizimado pelos lobos rapaces do ecumenismo, choro amargamente em meu coração.

Mas, Senhor, cumpri também este dever que me impuseste, qual seja o de chamar a atenção dos evangélicos pentecostais.

Encontro-me, Senhor, em disponibilidade em Tua presença para fazer tudo o que Tu queres de mim!

.oOo.

## **Capítulo 10**

### **ESTARÁ SUPERADA A POLÊMICA?**

A polêmica é própria de situações onde há divergências de pensamentos e de convicções.

Foge dela quem é inseguro quanto aos seus princípios. E, no caso dos evangélicos, significa covardia e nenhum amor às almas perdidas.

Nestes ominosos tempos, Satanás interessa-se sobremodo pela ausência da polêmica em torno das doutrinas religiosas à luz da Bíblia. Ele está convencido de sua fragorosa derrota quando confrontado diante da

Palavra de Deus. Jamais esquecerá a derrota sofrida quando polemizou com Jesus (Lucas 4:1-13).

Uma das artimanhas do ECUMENISMO é exatamente essa: a de se incutir na mente do povo e entre os adversários do catolicismo a idéia de que o tempo da polêmica já passou. Os sacerdotes da idolatria reconhecem a total fraqueza dos seus argumentos e a única maneira de continuarem a dominar a sensibilidade religiosa popular é espalhar a onda de que a controvérsia destoa do atual clima do mundo. Dizem estarmos na hora de somar e não de dividir, de juntar e não de separar, de aproximar e não de afastar, de congraçar e não de desunir, e quejandas...

Afirmar-se que a polêmica está fora de tempo, é um dos grandes e mais divertidos contos do vigário... Jamais os homens polemizaram tanto! Só os líderes religiosos do mundo fogem da polêmica, destoando assim desta época. São uns “quadrados” e querem que os outros também o sejam...

Desgraçadamente, muitos evangélicos aceitam essa filosofia da fuga e da covardia. Supõem atrair almas para Cristo, evitando combater os erros e o pecado. E alegam ser necessário apenas o apresentar-se a mensagem positiva do Evangelho por meio da qual o pecador aceita Cristo e, em seguida, deixará os erros e enganos religiosos...

O microevangelho, o evangelho pasteurizado, o evangelho miniaturizado está numa infinita distância do EVANGELHO DE CRISTO, que exige para a conversão o arrependimento. A mensagem positiva do Evangelho imprescinde da proclamação do ARREPENDIMENTO. Aceitação de Cristo sem arrependimento é fantasmagoria, utopia, ilusão, embuste... É tudo menos Evangelho.

Aquele método sugerido pelos partidários da “água doce”, os comprometidos com o comodista “*dolce farniente*” e com a política da amabilidade com o erro, aquele método é falho. Falho porque, nem por isso, esses evangélicos e predicantes do microevangelho levam mais almas a Cristo, como nos testifica a experiência deles. Falho, também, porque os que aderem à sua comunidade, muitas vezes, carregam o ranso de tantas heresias e de tantos pecados encalacrados em suas almas sem arrependimento. Conheço membros de Igrejas Evangélicas que guardam íntimas reminiscências dos “santos de sua devoção”, enquanto outros conservam seus contactos com as “benditas almas” dos defuntos.

Esse método, ainda, está totalmente fora da época porque hoje somente as pessoas vibrantes são as vencedoras.

Mais do que nunca, hoje a polêmica é atualíssima, pois vivemos na hora da contestação. Nestes dias, contestar é sintoma de juventude. Contestar é índice de inconformação com o mundo e seu sistema de vida.

Vivemos a hora da contestação. Do protesto! Da insurreição! Da polêmica!

Protesta-se até pela esquisitice do trajar.

Nos próprios países superdesenvolvidos a juventude desprovida de todos os bens protesta contra a sociedade estabelecida.

Chamam-nos protestantes. Mas, enquanto todos protestam, polemizam, nós não protestamos mais. Irrisão de todas as irrisões!!!

Somos protestantes e deixamos de protestar... Degeneramo-nos. Abastardamo-nos... Capitulamos...

Acomodamo-nos... Cruzamos os braços... Sorrímos sorrisos benévolos e complacentes de anuênciam para tudo e para todos...

Para nós tudo está bem. Não queremos desagravar. E, por isso, aceitamos tudo e aplaudimos os piores disparates, inclusive cultos e casamentos ecumênicos, o cúmulo da palhaçada.

Tornamo-nos sabujos. Chaleiras. Capachildos. Subservientes à impostura, ao embuste e a traíra organizada contra a proclamação positiva e integral do Evangelho.

Aos que não apreciam a polêmica, o ecumenismo arrancou-lhes a personalidade e os transformou em autômatos às suas ordens!

Será que os crentes já amam o mundo, cujo príncipe é o Diabo?

Garanto que também agora, se vivesse, Paulo seria um estupendo polemista. Em suas cartas vibra a polêmica. Suas atitudes desassombradas, ainda hoje, causam admiração.

Foi cognominado de “**promotor de sedições**” (Atos 24:5).

Aliás, a Bíblia é o livro das grandes controvérsias. Das acirradas polêmicas. Se se lhe tirarem as páginas de polêmica, pouco lhe restará.

O próprio Jesus não teve receio de desagravar (João 6:60-71; 7:43; 10:19; Mateus 9:34-35; Lucas 12:49; 51).

Afrontar o erro, combater-lhe as insídias e os embustes é dever de quem está convencido da Verdade, de quem alça acima de tudo o Evangelho bendito de Jesus Cristo.

A intrepidez é o apanágio dos servos de Deus.

.oOo.

